

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS
CURSO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL- JORNALISMO**

Julia Nadine Feltraco Schapowal

**QUEM FALA O QUE NO ACONTECIMENTO “DESASTRE EM
MARIANA”: UMA ANÁLISE DAS MATÉRIAS DO PORTAL
G1 SOBRE O DESASTRE SOCIOAMBIENTAL**

MONOGRAFIA

**Santa Maria, RS, Brasil
2016**

Julia Nadine Feltraco Schapowal

**QUEM FALA O QUE NO ACONTECIMENTO “DESASTRE DE MARIANA”: UMA
ANÁLISE DAS MATÉRIAS DO PORTAL G1 SOBRE O DESASTRE
SOCIOAMBIENTAL**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à disciplina de Tópicos Aplicados a Comunicação do curso de Comunicação Social – Jornalismo da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS) como requisito parcial pra a obtenção do **grau de Bacharel em Comunicação Social- Jornalismo**.

Orientadora: Prof. Dr.^a Márcia Franz Amaral
Coorientador: Rafael Rangel Winch, Mestrando

Santa Maria, RS, Brasil

2016

**Universidade Federal De Santa Maria
Centro De Ciências Sociais E Humanas
Curso De Comunicação Social- Jornalismo**

A Comissão Examinadora, abaixo assinada,
aprova o Trabalho de Conclusão de Curso

**QUEM FALA O QUE NO ACONTECIMENTO “DESASTRE EM MARIANA”:
UMA ANÁLISE DAS MATÉRIAS DO PORTAL G1 SOBRE O DESASTRE
SOCIOAMBIENTAL**

elaborado por
Julia Nadine Feltraco Schapowal

como requisito para a obtenção do grau de
Bacharel em Comunicação Social- Jornalismo

COMISSÃO EXAMINADORA:

Profª. Márcia Franz Amaral, Drª. (UFSM)
(Presidente/Orientadora)

Natália Martins Flores, Drª.(UFSM)

Mirian Quadros, Doutoranda (UFSM)

Santa Maria, 2016

Agradecimentos

Primeiramente, agradeço á minha mãe Eni Maristela Feltraco, meu maior exemplo de dedicação e amor, que abdicou de muita coisa para que eu pudesse estar aqui e que confiou em mim, mesmo quando eu não confiava, sempre me dizendo que ia dar certo.

Ao meu pai, Jorge Darlã Schapowal, que proporcionou a possibilidade de eu sair de casa para realizar os meus sonhos, e, que mesmo do jeito particular dele me deu todo o apoio necessário.

Ao meu Vô Waldemar Schapowal por me ensinar que preciso ser independente nessa vida, e a minha Vó Maria Nair Schapowal por ser o meu ponto de paz no meio dessa turbulência.

Á minha tia Dinara Eliz Schapowal que ouviu o meu desespero, mas nunca me deixou cair, com as melhores frases de efeito que ela poderia criar.

Aos meus amigos, que durante o ano todo me disseram “Julia, vai fazer esse tcc.”.

Deu certo gente, olha que orgulho!

Á Juliana Leão Ribeiro, Vanessa Gonzaga Noronha e Heitor Scalco Neto, os amigos que eu tornei irmãos, por estarem ao meu lado em todos os momentos e que nunca me deixaram desanimar.

Á Eduarda Desconsi, Julia Rebellato e Iane Ribeiro por me chamarem atenção sempre que necessário e por fazerem parte desse processo louco.

Aos meus amigos e colegas do EsporteSUL por terem me proporcionado o melhor estagio do mundo e por serem tão compreensíveis quando precisei de folgas para fazer essa dissertação.

Á Márcia Amaral, por ser inspiração, aporte teórico, terapeuta e orientadora em uma pessoa só. Obrigada por não desistir do meu trabalho.

E ao Rafael Rangel, meu co-orientador e amigo, que durante a graduação me segurou com as duas mãos e nunca me deixou cair. Eu tenho muito orgulho de quem tu és, tu vai longe, obrigada por tudo.

*“Senhores, a única forma de acreditar no impossível é pensar que é possível.”
Alice no país das Maravilhas*

RESUMO

Trabalho de Conclusão de Curso
Departamento de Ciências da Comunicação
Curso de Comunicação Social- Jornalismo
Universidade Federal de Santa Maria

QUEM FALA O QUE NO ACONTECIMENTO “DESASTRE EM MARIANA”: UMA ANÁLISE DAS MATÉRIAS DO PORTAL G1 SOBRE O DESASTRE SOCIOAMBIENTAL

AUTORA: JULIA NADINE FELTRACO SCHAPOWAL
ORIENTADORA: MÁRCIA FRANZ AMARAL
COORDENADOR: RAFAEL RANGEL WINCH
Data e Local da Defesa: Santa Maria, dezembro de 2016.

Nesta pesquisa, objetivamos identificar que efeitos valorativos são atribuídos às fontes de informação utilizadas pelo G1 na cobertura jornalística do *Acontecimento Mariana*. Para isso, utilizamos o aporte teórico-metodológico de Patrick Charaudeau da análise de efeitos valorativos a fim de compreendermos como as fontes são utilizadas para construir sentidos em desastres. Diante desse contexto, o Portal G1 buscou durante a cobertura do desastre em Mariana fazer uma seleção ampla e produzir conteúdos midiáticos para informar os leitores da maneira mais completa possível. Analisamos trinta e cinco citações literais, distribuídas em oito reportagens a partir de quatro categorias analíticas. Para problematizarmos nosso estudo, recorreremos a autores como Márcia Amaral, Miquel Alsina e Lozano Ascencio, que refletem sobre as definições de acontecimento, desastres e fontes, a partir de diferentes perspectivas teóricas. Através da análise, concluímos que o acontecimento jornalístico surge de várias vertentes e um desastre de grande magnitude como Mariana ainda é discutido de forma superficial do ponto de vista ambiental. As fontes neste desastre não foram exploradas apenas pelo fator sensacional e a categorização das fontes, e, por mais tipologias que existam, elas tendem a concentrar-se em três grandes grupos.

Palavras-chave: Acontecimento, discurso jornalístico, fontes jornalísticas, desastre de Mariana.

ABSTRACT

Trabalho de Conclusão de Curso
Departamento de Ciências da Comunicação
Curso de Comunicação Social- Jornalismo
Universidade Federal de Santa Maria

In this research, we aimed to identify which value effects are attributed to the sources of information used by G1 in the journalistic coverage of the Marian Event. For this, we use the theoretical-methodological contribution of Patrick Charaudeau of the analysis of value effects in order to understand how the sources are used to construct senses in disasters. Given this context, the G1 Portal sought during the coverage of the disaster in Mariana to make a wide selection and produce media content to inform the readers as completely as possible. We analyzed thirty-five literal citations, distributed in eight reports from four analytical categories. In order to problematize our study, we have recourse to authors like Márcia Amaral, Miquel Alsina and Lozano Ascencio, who reflect on the definitions of events, disasters and sources, from different theoretical perspectives. Through the analysis, we conclude that the journalistic event arises from several aspects and a disaster of great magnitude as Mariana is still discussed superficially from the environmental point of view. The sources in this disaster were not only explored by the sensational factor and the categorization of the sources, for more existing typologies tend to concentrate in three large groups.

Key-words: Event, journalistic discourse, journalistic sources, Mariana disaster.

ANEXOS

ANEXO A: CARACTERIZAÇÃO DO CORPUS.....	60
--	----

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Ilustração 1 – Logomarca do Portal G1	35
Ilustração 2 – Área destinada ao Desastre Ambiental em Mariana	36
Ilustração 3 – Área desataca da região sudeste no Portal G1.....	38

LISTA DE TABELAS

Tabela 1- Manifestação dos tipos de fontes ao longo dos dias	42
Tabela 2 - Efeitos valorativos nas Fontes Autorizadas.....	45
Tabela 3 - Efeitos valorativos nas Fontes Experts.....	50
Tabela 4 - Efeitos valorativos nas Fontes Testemunhais.....	52

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Valor do dito nas fontes utilizadas pelo G1.....	44
Gráfico 2 - Efeitos valorativos conforme os três tipos de fontes.....	53

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	14
1. A CONSTRUÇÃO DO RELATO JORNALÍSTICO	16
1.1 O jornalismo numa perspectiva contratual.....	16
1.2 A importância dos acontecimentos	18
1.3 Sobre as fontes de informação	21
1.4 Aspectos sobre a tipologia das fontes	24
2. A NARRAÇÃO DOS DESASTRES	29
2.1 Compreendendo os desastres	29
2.2 O desastre pelo olhar do jornalismo.....	30
2.3 Mariana: o maior desastre socioambiental do país	32
2.4 Objeto empírico: o Portal G1	34
3. O QUE AS FONTES NOS DIZEM SOBRE O DESASTRE EM MARIANA	37
3.1 Primeiros procedimentos metodológicos	37
3.2 O valor do dito nos relatos das fontes do G1	43
3.1 Efeito de opinião	44
3.2 Efeito de Decisão	47
3.3 Efeito de Saber	50
3.4 Efeito de Testemunho	52
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS	55
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	57
ANEXO	60

INTRODUÇÃO

O desastre em Mariana foi o maior desastre socioambiental pelo qual o país já passou. Uma das funções do jornalismo neste caso era a de selecionar os critérios de noticiabilidade e configurar esses acontecimentos para que a cobertura não se tornasse rasa, superficial, baseada apenas nas singularidades que constituem o fato em si.

Tratar deste assunto em particular veio da necessidade que tive especialmente no período em que trabalhei na rádio comunitária Carai FM no programa Ecolândia, projeto de extensão do Programa de Educação Tutorial de Comunicação Social da UFSM (PETCOM).

Consideramos relevante analisar como um veículo da chamada “grande mídia”, o Portal G1, trabalha com a problemática socioambiental, visto que em casos de desastres, se espera que a cobertura jornalística atribua sentidos ao evento ocorrido, bem como a partir dos seus relatos organize o caos instalado. Ademais, nos interessamos em investigar como o jornalista seleciona suas fontes e de que forma ele espera que as informações sejam recebidas pelos leitores. A seleção dos efeitos, no processo analítico, vem para esclarecer tais questionamentos.

Desse modo, sistematizamos nossa problemática de pesquisa através da seguinte questão: Que efeitos valorativos são atribuídos às fontes de informação utilizadas pelo G1 na cobertura jornalística do *Acontecimento Mariana*? A partir disso, nosso objetivo principal é analisar como as fontes utilizadas pela cobertura jornalística do G1 auxiliam na construção do *Acontecimento Mariana* a partir de determinados efeitos valorativos associados à suas declarações. Pretendemos também, com os objetivos específicos, revisar teoricamente noções relacionadas ao contrato de comunicação, acontecimento e jornalismo, desastres socioambientais, cobertura jornalística de desastres e tipologia das fontes de informação, mapear os tipos de fontes presentes na cobertura jornalística do G1 sobre o desastre em Mariana e problematizar a relação entre os tipos de fontes e os efeitos valorativos que estas adquirem nas matérias.

O primeiro capítulo deste trabalho é denominado “A construção do relato jornalístico”. Nele, utilizamos contributos teóricos de autores como Patrick Charaudeau, Miquel Alsina, Nelson Traquina e Márcia Benetti para refletirmos sobre

alguns dos principais conceitos de informação jornalística numa perspectiva contratual, acontecimento e fontes na construção dos relatos. Entre outras questões, abordamos o princípio do contrato de comunicação; como o acontecimento se constrói e desenvolve e os diversos meios de tipologia das fontes. Também discutimos as duas visadas principais em que se baseiam o discurso jornalístico, a de informação (*fazer saber*) e a de captação (*fazer sentir*); os diferentes graus de classificação do acontecimento, além da discussão de como a mídia o seleciona. Por fim, apresentamos as diferentes tipologias das fontes e apresentamos o conceito escolhido para análise desta dissertação de fontes *experts*, autorizadas e testemunhais.

No segundo capítulo, “A narração dos desastres”, recorremos a autores como Lozano Ascencio, Norma Valencio e Juliana Frandalozo Alves dos Santos, que discutem as definições de desastre, bem como o desastre pelo olhar do jornalismo. Após apresentarmos comentários sobre o desastre, tencionamos o porquê de a mídia ter entrado em um ciclo vicioso na definição de desastre “natural”. Também problematizamos esses aspectos e trouxemos o termo socioeconômico para o *Acontecimento Mariana*, para que o maior desastre socioambiental do Brasil mostre suas peculiaridades. Discutimos ainda neste capítulo, como se deu o desastre em Mariana e os desdobramentos do acontecimento até os dias de conclusão do trabalho. Ao final, introduzimos o nosso objeto empírico, o Portal G1, e apresentamos os argumentos utilizados pela escolha desse portal.

Em nosso último capítulo “O que as fontes nos dizem sobre o desastre em Mariana”, apresentamos os valores do dito e a classificação das fontes como aporte teórico-metodológico da pesquisa. Por meio de autores como Patrick Charaudeau e Márcia Amaral, discutimos algumas das principais tipologias na classificação das fontes, e como elas aparecem num acontecimento de desastre. A fim de analisarmos os efeitos valorativos como opinião, decisão, saber, testemunho, delimitamos o nosso *corpus* em oito reportagens do Portal G1, que contam com 35 citações literais. Ainda, neste capítulo, justificamos esta delimitação e explicamos a constituição de nossas categorias analíticas.

CAPÍTULO 1

A CONSTRUÇÃO DO RELATO JORNALÍSTICO

Dentre as diversas finalidades atribuídas ao jornalismo, destaca-se aquela que enfatiza o papel da instituição jornalística em oferecer o presente social (FRANCISCATO, 2005) a partir da produção e disseminação de informações qualificadas – que passaram por uma seleção e tratamento criterioso – sobre as mais diversas ocorrências. Trata-se de uma função básica atrelada ao ofício: produzir relatos que abarquem aquilo que é tanto da ordem do importante, como também do interessante. Em outras palavras, o discurso jornalístico se orienta com base em duas visadas principais: a de informação (*fazer saber*) e a de captação (*fazer sentir*) (CHARAUDEAU, 2015).

Para compreendermos o funcionamento destas visadas é necessário refletirmos, ainda que brevemente, sobre a noção de *contrato de comunicação*, proposta por Charaudeau (2015). Conforme o autor, toda informação é construída a partir de um acordo prévio entre os interlocutores – instância midiática/jornalistas e público/consumidores dos produtos informativos –, em que é necessário o reconhecimento de uma série de condições e restrições para que a comunicação se realize. Esta perspectiva contratual coloca em cena a existência de um acordo prévio firmado, sobretudo, num plano simbólico, isto é, tacitamente entre quem enuncia e quem interpreta determinadas informações.

Nas dinâmicas de todo contrato de comunicação, sempre estruturado por dados externos (comportamento dos atores sociais) e dados internos, (posicionamento discursivo de tais atores), existe um conjunto de elementos que devem ser assimilados pelos produtores e receptores da informação (CHARAUDEAU, 2015). No que se refere especialmente aos dados externos, consideramos relevante destacar os quatro tipos de produção de enunciação que o autor desenvolve: *identidade, propósito, dispositivo e finalidade*.

A *identidade* está diretamente atrelada aos indivíduos que compõem dada situação de comunicação. Tal dimensão pode ser sintetizada pelas questões: “Quem fala a quem?” e “Quem se dirige a quem?”. Por sua vez, a condição de *propósito* diz respeito aos tópicos (assuntos ou domínio temático) pautados na troca comunicativa. Aqui, insere-se, em especial, a pergunta “Do que se trata a

comunicação?”. O fator *dispositivo* concerne ao meio, ao lugar físico empregado no ato de comunicação, sendo gerador da questão “Que canal de transmissão é utilizado?”. Por seu turno, a condição de *finalidade* está associada ao objetivo da situação de comunicação e sua expectativa de sentido, em que se coloca a pergunta “Estamos aqui para dizer o quê?”. É, sobretudo, neste elemento do contato que se colocam as já duas mencionadas visadas centrais: *fazer saber* e *fazer sentir*, além de outras duas mais secundárias: *fazer fazer* (de caráter prescritivo) e *fazer crer* (de caráter incitativo).

Compreendemos que, principalmente, o *fazer saber* (de caráter informativo) e o *fazer sentir* (de caráter emotivo) estão intimamente atrelados a perspectivas que tratam o jornalismo, respectivamente, como: 1) uma prática social nobre voltada para o interesse público e 2) uma forma de negócio que visa se expandir para obter lucro. Assim, tais visadas, de algum modo, se alinham à ideia de Traquina (2005) sobre os polos ideológico e econômico que conformam o fazer jornalístico. Para o autor, estes dois polos são históricos e estão em permanente tensão. Tanto a noção das visadas (CHARAUDEAU, 2015), como a de polos (TRAQUINA, 2005) nos permite uma aproximação menos ingênua e determinista acerca dos relatos jornalísticos, uma vez que passamos a entendê-los dentro de um vasto quadro de interferências e interesses, em que são diversos os fatores que afetam e acabam por constituir a informação jornalística.

Reconhecido como o capital simbólico do campo jornalístico (BERGER, 2003), a credibilidade é construída e reiterada, sobretudo, a partir da visada de informação – mas nem sempre apenas por ela (MOTTA, 2016)¹ –, em que são suscitados valores como verdade, objetividade, liberdade, justiça, independência. Ser um veículo (ou jornalista) credível significa respeitar as premissas canônicas, historicamente sublinhadas pelos chamados códigos deontológicos, isto é, as vitrines morais da profissão jornalística (CHRISTOFOLETTI; TRICHES, 2014). O *fazer saber*, neste sentido, é imprescindível na manutenção de qualquer contrato de

¹ Em sua pesquisa intitulada “Os testemunhos na cobertura ao vivo do incêndio da boate Kiss”, a autora notou que dado ao contexto trágico do acontecimento em questão, os efeitos patêmicos (ligados à visada de captação) também auxiliaram na compreensão sobre o acontecimento e na veracidade deste. Em coberturas como esta, *fazer saber* e *fazer sentir* se tornam elementos ainda mais imbricados e de difícil separação.

comunicação, visto que a partir dele o jornalismo se apresenta como moralmente capacitado e autorizado a narrar situações e eventos da sociedade.

Ao cumprir as exigências do contrato de comunicação, a prática discursiva do jornalismo materializa produtos ou textos efetivamente jornalísticos (BENETTI, 2010), sempre com base em um elemento norteador, um domínio referencial conhecido como acontecimentos. É sobre esse componente fundamental para a construção dos relatos do jornalismo que refletimos na sequência desse trabalho.

1.2 A importância dos acontecimentos

O jornalismo que conhecemos não existiria sem os acontecimentos da vida social. Por ocupar um lugar essencial na prática jornalística, autores como Charaudeau (2015) e Alsina (2009) reconhecem os acontecimentos como a matéria prima (o referente básico) para a formulação de qualquer conteúdo noticioso. Se o jornalismo se mantém relevante até hoje, acreditamos que um dos motivos que explica isso é a sua característica histórica e vital de narrar – a partir de uma série de procedimentos técnicos e discursivos – ocorrências (acontecimentos) julgadas e valoradas como importantes e interessantes.

De acordo com Lage (2013, p. 52), “é difícil imaginarmos um mundo em que o acontecimento esteja dissociado desse universo midiático, ou mesmo pensarmos num meio de comunicação que tenha desprezo pelo acontecimento”. Ainda segundo o autor, há variadas possibilidades de pensarmos a relação entre jornalismo e acontecimento. Neste trabalho, não buscamos examinar detalhadamente – e exaustivamente – as diversas abordagens teóricas que se dedicam a definir o que é um acontecimento, nem intencionamos problematizar as inúmeras perspectivas que tratam dos vínculos espinhosos entre fato e relato. Devido à complexidade dessas questões e levando em conta nosso propósito de pesquisa, nos restringimos a refletir acerca de aspectos mais básicos e palpáveis sobre os acontecimentos, discorrendo sobre sua constituição e importância no jornalismo.

França (2012) explica que várias “coisas” acontecem o tempo todo, porém, nem todas têm o mesmo peso e o mesmo poder de afetação. Logo, a autora

conceitua como acontecimento os fatos e as ocorrências que se destacam ou merecem maior destaque. Em meio a essa leitura, ainda é indispensável entendermos que um acontecimento é sempre algo que ocorre a alguém, não sendo independente nem autoexplicativo. Além disso, o seu grau de destaque não é dado pelas suas características intrínsecas, mas pelo poder que ele tem de afetar um sujeito – uma pessoa, uma coletividade (FRANÇA, 2012).

Para Charaudeau (2015), os acontecimentos existem a partir de um processo de caráter evenemencial, possibilitado pelo surgimento de um elemento perturbador da ordem estabelecida e que apresenta um caráter *insólito* para um dado sujeito. O autor, então, discorre sobre como se dá a constituição dos acontecimentos:

Para que um acontecimento possa ser apreendido, é necessário que se produza uma *modificação* no estado do mundo fenomenal, geradora de um estado de desequilíbrio, que essa modificação seja *percebida* por sujeitos (ou que estes julguem que houve modificação) um efeito de “saliência”, e que essa percepção se inscreva numa rede coerente de *significações sociais* por um efeito de “pregnância” (CHARAUDEAU, 2015, p.100).

O discurso jornalístico toma como ponto referencial básico as ocorrências no espaço público. A partir disso, o acontecimento é selecionado e construído em função de seu potencial de *atualidade* (inclinação para o imediatismo), de *socialidade* (competência de representar o mundo a partir de significações sociais compartilhadas) e *imprevisibilidade* (traço de ruptura). Este último potencial associa-se diretamente à visada de captação, uma vez que é da ordem do imprevisível, do extraordinário, daquilo que perturba e desorganiza a ordem das coisas.

Na perspectiva adota por Alsina (2009), o acontecimento é um fenômeno social e está determinado histórica e culturalmente. Conforme o autor, cada sistema cultural vai definir quais são os fatores que merecem ser considerados acontecimentos, bem como os que serão despercebidos. Por isso, “o que na cultura ocidental é considerado um acontecimento social, não será nas outras culturas. Inclusive na própria cultura ocidental o acontecimento não tem sido uma categoria imutável ao longo do tempo (ALSINA, 2009, p. 116)”.

Os acontecimentos, portanto, são de várias ordens e possuem diferentes graus de afetações. Podemos também considerá-los como a imagem que a própria sociedade oferece sobre si mesma e sobre outros lugares (ALSINA, 2009). Além

disso, geralmente, os acontecimentos são definidos a partir de uma concepção positiva ou funcional da história, onde impera o excepcional em relação ao comum, o desvio em detrimento da norma (BENETTI, 2010).

O que chama a atenção dos jornalistas no momento da seleção dos acontecimentos são aspectos (índices) como a *variação* (ALSINA, 2009), relacionado com a ruptura da norma, isto é, distingue o fenômeno variante daquele fenômeno costuma se repetir, como explica Benetti (2013). Ainda sobre essa questão, a autora faz o seguinte apontamento:

O que ocorre é que os índices que os índices de notabilidade capazes de chamar a atenção dos sujeitos que escrevem a história – os sujeitos que a percebem e a transformam em narrativa – são, no jornalismo, guiados por critérios que exigem **ruptura, repentina ascensão, acidente ou desvio** (BENETTI, 2013, p. 145, grifos nossos).

Segundo Alsina (2009), o jornalismo torna os acontecimentos um material de possível consumo repetitivo, já que a partir de suas representações midiáticas eles se tornam documentos. No processo de construção da notícia, cabe ao jornalismo identificar os acontecimentos dignos de serem narrados e postos em circulação. Existe, desse modo, uma série de procedimentos jornalísticos que envolvem a definição e classificação do que é ou não relevante, hierarquizando os fatos com base em função de sua importância, abrangência, impacto e interesse (FRANÇA, 2012).

Uma vez que a credibilidade é um atributo a ser conquistado e constantemente reiterado pelo jornalismo (inclusive, no falar sobre si), torna-se imprescindível que os relatos sobre os acontecimentos forneçam “provas de verdade”. Com isso, a visada de informação é reforçada, bem como narrativa jornalística se legitima como verdadeira. Para Charaudeau (2015), há, especialmente, três meios discursivos que produzem *efeitos de verdade* em relação aos acontecimentos relatados: a *designação*, atrelado à ideia de autenticidade e transparência; a *reconstituição*, que intenciona dar verossimilhança ao discurso ao mostrar como o fato deve ter ocorrido; e a *elucidação*, associado à explicação dos fatos a partir das suas origens, causas e consequências.

O processo de construção da narrativa jornalística com base na seleção e tratamento dos acontecimentos sociais envolve também a participação de outros atores sociais, para além do jornalista. Trata-se das fontes de informação, questão que abordamos no próximo subcapítulo.

1.3 Sobre as fontes de informação

A notícia e a reportagem, dentre outros gêneros, só se caracterizam como produto jornalístico a partir do emprego e articulação de falas oriundas do que historicamente reconhecemos como fontes de informação. Trata-se, na verdade, de um elemento básico e crucial para a existência – e veracidade – dos relatos construídos pelo jornalismo. Não há narrativa que se sustente sem a presença de fontes, especialmente em acontecimentos complexos e urgentes como os desastres. Por isso, elas são um dos principais patrimônios de qualquer jornalista (PINTO, 2009).

Conforme postula Rossi (2013, p. 28), “toda e qualquer entidade que possua dados susceptíveis de serem usados pelo jornalista no seu exercício profissional pode ser considerada uma fonte de informação”. Deste modo, existe uma ampla gama de fontes, tais como: humanas, documentais e eletrônicas. Ainda de acordo com a autora, é preciso compreender que as fontes mantêm relação direta com a qualidade da informação divulgada pelos meios de comunicação. Nesta mesma direção, Sousa (2005, p. 48-49), ressalta que “a capacidade de recolha e seleção de informação e de cultivo de fontes é um dos indicadores da competência jornalística”.

A associação entre a qualidade das produções do jornalismo e a escolha e acesso as fontes nem sempre é uma questão percebida pelos profissionais da imprensa. No entanto, uma significativa variedade de fontes confiáveis dá prestígio aos veículos, reforçando, assim, a credibilidade da informação ofertada por estes (FONTCUBERTA, 2010). Logo, a seleção de quem pode e deve tecer declarações sobre os acontecimentos é uma etapa da apuração que costuma orientar o início da produção das matérias, uma vez que “os jornalistas precisam ser capazes de identificar os fatos e para isso precisam que fontes falem sobre eles” (ROSSI, 2013,

p. 29). Além desta primeira escolha (quem entrevistar), posteriormente, os jornalistas também necessitam tomar decisões acerca das declarações das fontes que irão tornar pública, bem como da extensão e do contexto das citações empregadas em seu texto, segundo técnicas da profissão (GONÇALVES, 2014).

O relacionamento entre fonte e jornalista, essencialmente complexo e mutável, já foi definida por Gans (1979) como uma “dança”. De fato, o processo de encontros e aproximações assemelha-se aos movimentos rítmicos executados por bailarinos, visto que o molejo necessário para ter acesso a testemunhas e fontes de grande poder, bem como o desejo de tomar a fala, de algumas fontes, torna o jornalista e a fonte legítimos “pés-de-valsas”. É preciso, então, uma postura crítica, ponderada e equilibrada do jornalista nas relações com as possíveis fontes que ele mobilizará para a construção de um dado relato. Além disso, como sublinha Gonçalves (2014), a partir do jornalismo são construídos processos de hierarquia, sobreposição, apagamento e empoderamento de determinadas falas. Isto é, o relacionamento entre jornalistas e fontes sempre resulta na valorização ou subestimação de perspectivas dos agentes sociais (pontos de vista sobre um tópico em questão).

Mas, afinal, quem pode falar no jornalismo? Quem é recorrentemente chamado e quem ocasionalmente é lembrado pela instância jornalística? Tais questões são discutidas por vários estudiosos da área, especialmente os alinhados as teorias construtivistas, que buscam entender como se desenrolam as lógicas de acesso das fontes ao campo jornalístico. Traquina (2005) sintetiza algumas contribuições de Molotch e Lester (1974) sobre esse aspecto. Segundo tais pesquisadores, existem diferentes tipos de acesso de indivíduos e grupos ao jornalismo. Por isso, algumas fontes acabam por ter uma “entrada” privilegiada em detrimento de outras. De um lado, há o acesso de ordem habitual, direcionado às autoridades públicas, personalidades célebres, entre outros tipos que recebem atenção mais frequente e intensa dos veículos. Por outro lado, existe, ainda, o acesso mais restrito e dificultoso, em que podemos observar, por exemplo, os cidadãos-comuns que sozinhos não possuem grande prestígio e poder na sociedade, mas que organizados em multidões buscam intervir no rumo dos acontecimentos.

A reflexão de Molotch e Lester (1974) é importante para pensarmos como se dá a dinâmica entre jornalistas e fontes, uma vez que a partir da perspectiva interacionista assumida por esses autores, compreende-se que a construção das notícias é um “processo interativo, onde diversos agentes sociais exercem um papel ativo no processo de negociação constante” (TRAQUINA, 2005, p. 184). Cabe ressaltarmos que, nesta visada teórica, não se ignora totalmente a ideia acerca do “definidor-primário” da vertente estruturalista, isto é, o pressuposto de Hall et. al. (1973), no qual as fontes oficiais dariam enquadramento inicial e, assim, norteariam toda a interpretação da notícia. O que se coloca na corrente interacionista é a premissa de que o papel dominante das fontes oficiais não é automático e, sim, resultado de uma ação estratégica, ou seja, de uma conquista.

Ainda no que se refere ao acesso ao campo jornalístico, Rossi (2013), explica que a admissão e recrutamento das fontes refletem as hierarquias da sociedade. Sendo assim, por exemplo, “o presidente dos Estados Unidos tem acesso instantâneo a todos os jornais quando ele desejar. Já as fontes com menos poder podem ganhar acesso rápido à mídia com uma história dramática que carregue o aspecto de novidade” (ROSSI, 2013, p. 30).

A autora também ressalta que outro aspecto notável referente à questão do acesso é a posição geográfica em que as fontes se encontram, já que, muitas vezes, uma pauta nem é desenvolvida – ou uma reportagem de profundidade é realizada – por conta da distância (difícil acesso) entre fontes e repórteres. “Assim, setores rurais e algumas áreas da periferia das cidades ficam desprovidas de cobertura jornalística rotineira” (ROSSI, 2013, p.30).

As fontes são sempre indivíduos interessados (TRAQUINA, 2005), mesmo que esse interesse atenda a diferentes desejos e objetivos. Como defende Pinto (2000, p.2), “as fontes remetem posições e relações sociais, para interesses e pontos de vista, para quadros espaço-temporalmente situados”. Segundo este autor, é preciso superar as concepções simplistas e naturalistas das fontes. Todavia, é necessário ponderar que o grau de interesse e engajamento das fontes é variável e relaciona-se diretamente com o tipo de acontecimento que está em curso. Como veremos mais adiante, no caso de um desastre, apesar de cada fonte possuir um papel, isso não significa que ela necessariamente utilizará estratégias para promover

seus pontos de vista e dominar a cobertura, como se sua ação fosse meramente um meio de persuasão e retórica.

Traquina (2005) explica que para avaliar a fiabilidade da informação, os jornalistas podem lançar mão de diversos critérios, tais como: 1) a autoridade; 2) a produtividade; e 3) a credibilidade. O primeiro destes fatores, a autoridade, tem a ver com a preferência dos jornalistas pelas fontes oficiais ou que ocupam posições institucionais de autoridade. Elas acabam por facilitar o trabalho jornalístico por serem consideradas, antecipadamente, como mais credíveis que as demais fontes. Por sua vez, o fator da produtividade se refere às razões pelas quais, muitas vezes, prevalecem as fontes institucionais, uma vez que estas fornecem materiais suficientes para a construção das notícias. Assim, os jornalistas tendem a não recorrer a uma grande quantidade de fontes para obter dados necessários. Por fim, a credibilidade relaciona-se diretamente com a percepção dos jornalistas em relação aos seus informantes. Discorre, então, o autor sobre esse ponto:

As fontes devem ser tão credíveis que a informação fornecida exija o mínimo possível de controle. O jornalista tem que avaliar a credibilidade da fonte para avaliar a credibilidade da informação fornecida. As fontes que, em outras ocasiões, fornecem materiais credíveis, têm boas probabilidades de continuarem a ser utilizadas, até se transformarem em fontes regulares (TRAQUINA, 2005, p. 192).

Após refletirmos sobre a importância das fontes na construção dos relatos sobre os acontecimentos; sua relação com a qualidade da informação e também a questão do acesso ao campo jornalístico, na sequência deste trabalho, buscamos delinear alguns aspectos referentes às classificações – as tipologias – das fontes. Buscamos, ainda, relacionar tais categorizações a coberturas que envolvem desastres, como é o caso do *Acontecimento Mariana*, foco deste trabalho. Ressaltamos que as sistematizações e agrupamentos de fontes são diversos e dependem dos parâmetros utilizados pelos autores.

1.4 Aspectos sobre a tipologia das fontes

É possível classificar as fontes de informação em diferentes categorias a partir de inúmeros parâmetros. As tipificações nos estudos em jornalismo, como nos recorda Schmitz (2011), são frágeis diante de sua variedade e das formas de

interferência nos procedimentos jornalísticos. Porém, nesta presente pesquisa, discorreremos sobre algumas classificações e sistematizações realizadas por variados autores.

A maioria das informações jornalísticas é plural, emana de vários tipos de fontes, que o jornalista utiliza para reforçar ou confirmar a verdade no relato dos fatos. **Por isso, hierarquizar as fontes é essencial na atividade jornalística**, pois a notícia polifônica converge da diversidade de opiniões, relatos, testemunhos e mídias (SCHMITZ, 2011, p. 23, grifos nossos).

De acordo com a compreensão de Lage (2011), as fontes são de natureza mais ou menos confiável. Há aquelas reconhecidas como “primárias”, em que o jornalista se ancora para garantir o básico para a construção da sua matéria, já que elas fornecem fatos e versões imprescindíveis para o relato jornalístico. Existem, também, as fontes “secundárias”, aquelas em que indivíduos como os especialistas, por exemplo, comentam determinados dados e são recrutados no momento da preparação das pautas (LAGE, 2011). Ainda segundo o autor, as fontes podem ser categorizadas como oficiais, oficiosas e independentes.

Fontes oficiais são mantidas pelo estado; por instituições que preservam algum poder de estado, como as juntas oficiais e os cartórios de ofício; e por empresas e organizações como sindicatos, associações, fundações, etc. **Fontes oficiosas** são aquelas que, reconhecidamente ligadas a uma entidade ou indivíduo, não estão, porém, autorizadas a falar em nome dele ou dela, o que significa que o que disserem poderá ser desmentido. **Fontes independentes** são aquelas desvinculadas de uma relação de poder ou interesse específico em cada caso (LAGE, 2011, p. 63, grifos nossos).

Para Erbolato (2008), as fontes podem ser distribuídas em dois grandes grupos: as fixas e as foras de rotina. As primeiras (fixas) são aquelas que o jornalista tende a recorrer para construir o noticiário de todos os dias. Já as de rotina são aquelas procuradas em casos excepcionais, quando é necessário, por exemplo, o esclarecimento de um caso. Ainda conforme este autor, as fontes podem ser observadas a partir da forma como aparecem nas matérias, sendo caracterizadas como ostensivas ou determinadas. Reconhece-se como uma situação de fonte ostensiva, quando o público consegue saber quem forneceu dados para o desenvolvimento do texto. Por seu turno, quando não há qualquer menção sobre quem deu a informação estamos diante de fontes indeterminadas.

Uma classificação das fontes relevante para a nossa pesquisa é a realizada por Amaral (2015), que elenca três tipos principais na cobertura jornalística de

catástrofes e desastres socioambientais, são elas: autorizadas, *experts* e testemunhais. A sistematização elaborada pela autora é construída com base em classificações de outros autores, que anteriormente já haviam refletido sobre essas três “espécies” de fontes sem, no entanto, situá-las no âmbito dos desastres.

As fontes autorizadas são as pessoas com função de representação institucional, política ou organizacional (AMARAL, 2015). Esta rotulação se aproxima do que outros autores, como Schmitz (2011, p. 26), observam como tipo “oficial”, normalmente “alguém em função ou cargo público que se pronuncia por órgãos mantidos pelo Estado e preservam os poderes constituídos (executivo, legislativo e judiciário)”. Conforme o autor, esse tipo de fonte é a preferida do jornalismo, visto que costuma emitir opiniões de interesse público à sociedade, mesmo que possa também, eventualmente, falsear a realidade com o objetivo de proteger determinados interesses.

Para Amaral (2015), as fontes autorizadas, especialmente às ligadas ao Poder Público, presumidamente, detêm maior credibilidade, já que elas não podem mentir abertamente devido à posição que ocupam, sendo, portanto, consagradas socialmente. Por também serem mais persuasivas, muitas vezes, em situações de desastres, podem direcionar suas falas para fugas de responsabilidades e tomadas de decisões.

No que concerne às fontes *experts*, também tratadas por outros autores como especializadas, Amaral (2015) as define como fontes que dispõem de um conjunto de conhecimentos especializados e competências específicas, sendo, sobretudo, convocadas para explicar o fato pela sua qualificação profissional. Na maioria das vezes, o *expert* é representado pela figura do cientista, do pesquisador, do estudioso que domina uma dada temática. A autora sublinha que esse tipo de fonte costuma participar ativamente na cobertura de desastres, não sendo recrutada apenas para explicar cientificamente os fatos, mas, ainda, para colaborar com declarações avaliativas e propositivas. Assim, nota-se que “os experts têm aparecido como fontes que determinam o enquadramento da matéria porque trazem informações consideradas científicas e legítimas e pautam, inclusive, os questionamentos ao Poder Público” (AMARAL; POZOBON, 2013, p. 12).

O *expert* é, portanto, um indivíduo com notório saber específico – especialista, perito, intelectual – ou uma organização detentora de um conhecimento reconhecido. Além disso, normalmente está associada a uma profissão, especialidade ou campo de atuação (SCHMITZ, 2011). É esperado desse tipo de fonte que ela tenha uma postura relacionada à elucidação dos fatos, que discorra sobre as causas e consequências das ocorrências em questão, enfim, que mobilize seus saberes e competências para analisar a complexidade dos acontecimentos, estabelecendo diversas conexões entre os fatos.

Já no que diz respeito às fontes testemunhais, Amaral (2015) as caracteriza como aquelas que presenciaram o fato e possuem algum envolvimento com suas causas ou consequências, especialmente vítimas e afetados diretamente. Conforme Schmitz (2011), esse tipo de fonte funciona como *álibi* para o jornalismo, uma vez que representa aquilo que viu ou ouviu, como *partícipe* ou *observadora*. Para o autor, a fonte testemunhal é corriqueiramente enquadrada no papel de “portadora da verdade”, pois é considerada independente, mesmo que não relate exata e fielmente o ocorrido. Isto é, trata-se de uma fonte que se apresenta – e é apresentada – como *credível* e *honesto* por conta de sua experiência, do seu conjunto de vivências.

Lage (2011) ressalta que as fontes testemunhais se ancoram numa memória de curto prazo, que tende a ser mais *fidedigna*, porém, às vezes, é *desordenada* e *confusa*. “A elas cabe, sobretudo, comunicar a experiência de ter visto ou vivido uma situação extrema, ou seja, *descrever*” (AMARAL, 2015, p.13). Assim, os testemunhos são convocados para *discorrerem* a partir das suas visões fragmentadas e parciais, destacando o que presenciaram como indivíduos particulares, isto é, reforçando os aspectos mais singulares – na maior parte das vezes são *trágicos* – que conformam suas participações nas ocorrências. Ainda sobre esse tipo de fonte, cabe o entendimento de que:

O testemunho midiático se dá no calor da hora, no momento da perplexidade. E nele, a testemunha normalmente não está preocupada com qualquer papel reflexivo que a leve a pensar sobre o papel de sua fala. O jornalista, ao acreditar nesta designação, atribui à testemunha um determinado lugar de fala. A fonte testemunhal desconhece as regras que regem o discurso jornalístico, tem outras preocupações prioritárias e, e em função disso, sua participação na mídia costuma ser *vigiada* e *modulada* (AMARAL, ASCENCIO, 2016, p. 9).

Fontes autorizadas, *experts* e testemunhais não são localizadas apenas em coberturas de desastres. Entretanto, nesse tipo de acontecimento, elas costumam ocupar posições já delineadas pelo discurso jornalístico (AMARAL, 2015), ou seja, suas falas tendem a serem recortadas para evidenciar determinado efeito em detrimento de outro. Além disso, estes três tipos de fontes, de modo geral, são intimadas para fornecer índices ou provas de verdade, isto é, para tornar os relatos do jornalismo mais credíveis.

Outra compreensão importante em nosso estudo, em especial, no que tange a questão das fontes, é oferecida por Charaudeau (2015). O autor explica que na construção do relato dos acontecimentos, “as mídias são levadas a expor as reações dos atores do mundo político ou dos simples cidadãos quando estes são diretamente implicados pelas declarações” (CHARAUDEAU, 2015, p. 167). Levando em consideração o alto número de atores do espaço público que fornecem declarações, é necessário que o jornalismo realize uma seleção baseada na identidade do declarante e no valor do seu dito (efeito valorativo nas falas das fontes). Os efeitos valorativos que o autor elenca são os seguintes: *Efeito de Decisão*; quando a declaração vem de um locutor que tem o poder de decidir (trata-se de um efeito performativo, pois é simultaneamente uma declaração e uma ação); *Efeito de Saber*; emana de um locutor que possui autoridade pelos seus saberes, envolvendo análises e explicações dos fatos; *Efeito de Opinião*, relacionado à declaração oriunda de um locutor que julga ou aprecia um fato, trazendo avaliações; e *Efeito de Testemunho*; associado a um locutor que descreve o que viu e ouviu com base em sua experiência.

Neste presente capítulo, refletimos sobre a construção do relato jornalístico a partir de uma perspectiva contratual; discorreremos acerca do acontecimento e sua relação com o jornalismo, bem como destacaremos algumas noções referentes às fontes de informação. Já no capítulo posterior, realizamos uma discussão sobre os desastres, especialmente os socioambientais; destacamos aspectos que conformam a cobertura jornalística de desastres e, por fim, ainda apresentamos nosso objeto empírico, o Portal G1 e sua cobertura do *Acontecimento Mariana*.

CAPÍTULO 2

A NARRAÇÃO DOS DESASTRES

2.1 Compreendendo os desastres

A Política Nacional de Defesa Civil descreve o desastre como “um evento consequente de ações inadequadas, naturais ou provocadas pelo homem, sobre um ambiente frágil” dizendo ainda que ele vem acompanhado de “prejuízos humanos, materiais e ambientais, e conseqüentemente, causa também danos econômicos e sociais”. Além disso, ele pode ser classificado como sendo “de origem natural (fenômenos ou desequilíbrios da natureza), humana (ações ou omissões do homem) ou mista (ações ou omissões humanas contribuem para intensificar ou agravar os desastres naturais) (Guia da Defesa Civil, 2010, p. 61)”.

Não raramente, apenas os fatores ambientais são levados em consideração durante um grande desastre, destacando frequentemente o termo “natural” como um atributo do evento. Contudo, como afirma Lozano Ascencio “si en el pasado muchos de los daños inexplicables se atribuían a los dioses, a la naturaleza o simplemente al destino, en la actualidad prácticamente todos los peligros que nos amenazan (..) se deben, em princípio, a decisiones humanas (...)” (ASCENCIO, 2004, p. 291).

Mas o quão fácil é culpar a natureza e descartar as ações de seres humanos pensantes, cercados por tecnologias. O *Acontecimento Mariana* não nasceu somente quando a barragem de Fundão se rompeu. A natureza costuma dar dicas quando a interferência humana ultrapassa os limites. Como o maior desastre socioambiental do Brasil, as vítimas atingidas e suas conseqüências já haviam sido predefinidas no momento em que as empresas instalaram-se nessas áreas, como ressalta Valencio (2009).

Das várias interpretações possíveis sobre aquilo que toma a denominação de desastres, no Brasil, há que se ter em conta uma em particular; qual seja, a de que aquilo que é reconhecido no meio institucional de defesa civil como desastre é, antes de tudo, o fenômeno de constatação pública de uma vulnerabilidade na relação do Estado com a sociedade diante o impacto de um fator de ameaça que não se conseguiu, a contento, impedir ou minorar os danos e prejuízos. (Valencio, 2009, p.5)

No subcapítulo a seguir, discorreremos sobre a importância do olhar do jornalismo diante dos desastres. A forma como o jornalista interpreta os acontecimentos e posiciona as fontes para falar destes constituem um processo que gera um tom específico para cada momento do evento. Além disso, a utilização de determinados termos e expressões influencia no entendimento do ocorrido.

2.2 O desastre pelo olhar do jornalismo

Desde o princípio da comunicação, os desastres recebem atenção e tornam-se notícia. Fazer uma cobertura de qualidade é imprescindível para que o relato jornalístico consiga disseminar as informações mais relevantes e necessárias em todas as fases do acontecimento.

Segundo Santos (2012, p. 9) “a responsabilidade com a informação deve reger a cobertura de desastres para uma maior compreensão de todo o processo do desastre, que não se resume apenas ao fato trágico.”. Isso vai ao encontro à visão de Valencio (2009) que afirma que um desastre não emerge apenas demandas por contabilização de danos e prejuízos, mas demandas por identificação de responsabilidades e são destas demandas que o jornalista deve partir para informar o público de maneira correta. E é, também, por este motivo que o desastre de Mariana deve ser classificado como um desastre socioambiental. Ele evidencia a vulnerabilidade das vítimas e expõe a população em situação de risco.

Desta forma, podemos apontar que o papel do jornalismo está ligado à construção da realidade social e tem o dever de mostrar o acontecimento para além da situação ambiental. Nesse caso, o jornalismo é muito mais do que meramente informativo. Ele deve funcionar como norteador dos envolvidos e informante dos que acompanham o caso a distancia. Nos desastres, nortear os envolvidos significa, antes de tudo, situar o jornalista, que assim como os espectadores, a primeira vista, precisa adaptar-se a um fenômeno possivelmente desconhecido por ele e que necessita de informações imediatas, sem brecha para apurações mais elaboradas. O entendimento do jornalista em um caso catastrófico deve ser rápido e organizado, e as fontes nesse momento são fundamentais.

Como destaca Amaral (2015, p.44) a “cobertura jornalística é uma das construtoras públicas do acontecer catastrófico, presidida, sobretudo, pela busca das causas da tragédia e de seus responsáveis.”. Depois de reconstituir o acontecimento e encontrar fontes de variados campos sociais que expliquem aquilo que não cabe ao jornalista entender, a cobertura de desastres busca ainda encontrar os possíveis responsáveis pelo evento.

Por vezes, num primeiro momento, a culpa tende a recair sobre os ombros frágeis da natureza. Isso faz com que se abram brechas para os órgãos públicos eximirem-se de suas responsabilidades. O *Acontecimento Mariana*, o maior desastre socioambiental do país, é contornado por várias especificidades. Não podendo culpar a natureza pela construção de uma barragem, mas eximindo-se no apontamento direto de culpados, o portal G1, de forma discreta, apontava a Samarco

Santos (2014) nos lembra que a falta de cuidado com o uso da expressão “desastre natural” transformou-se em um “vício de expressão” e já é comumente usado pela imprensa. O problema é que isso gera consequências na maneira como as pessoas veem o desastre, “provocando a ideia de que o desastre é inevitável”.

A comunicação é decisiva tanto na prevenção quanto na resposta ao desastre e futura reconstrução. Em qualquer que seja a sua fase, a população e os órgãos participantes nos desastres precisam estar equipados com informação de qualidade para tomar as decisões da forma mais correta possível.

Como afirma Lozano Ascencio (2004, p.33), “la principal puerta de acceso a los medios de comunicación para el medio ambiente sigue siendo el desastre, la cruda imagen que garantisse el impacto del público.” Por isso o uma cobertura de um desastre deve ser mais cuidadosa do que a cobertura de pautas factuais. A mídia, muitas vezes por interesse, tenciona o desastre a um nível sensacionalista, explorando as emoções das vítimas levando-as ao limite devido também a falta de tempo para apuração.

[...] em geral, a cobertura de desastres e riscos tem pecado pelo fato de “não incorporar um planejamento adequado, pela ausência prévia de informações qualificadas sobre as causas e consequências, e pelo sensacionalismo que costuma caracterizar a mídia em momentos de crise” (BRASIL, apud BECKER e SANTOS, 2013, p.11).

Lozano Ascencio (2013) ainda explica que as catástrofes são fortes fundamentos narrativos para que se compreenda o meio ambiente, as mudanças climáticas, as vulnerabilidades sociais e os riscos. Porém, diferentemente do que ele relata, não é isso que encontramos nas matérias publicadas no portal G1, sobre o assunto.

Discorreremos a seguir sobre o maior desastre socioambiental do Brasil, o *Acontecimento Mariana*. Refletimos sobre suas causas e consequências, quem são os afetados e de que forma o meio ambiente reagiu a essa lama de resíduos que foi liberada no rompimento da barragem de Fundão.

2.3 Mariana: o maior desastre socioambiental do país

Na tarde do dia 05 de novembro de 2015, o rompimento da barragem de Fundão, controlada pela Samarco Mineração S.A, em um empreendimento conjunto das empresas de mineração Vale S.A. e a anglo-australiana BHP *Billiton* no município de Mariana (MG), resultou no maior desastre deste tipo com danos humanos e ambientais inestimáveis, atingindo dezenas de municípios em dois estados (MG e ES). A força com que as informações apareceram e a velocidade com que elas atingiram o país surgiram tão de repente quanto o rompimento da barragem.

De acordo com o laudo do Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis, o Ibama², o volume total da barragem era de 50 milhões de metros cúbicos de rejeitos de mineração de ferro, e pelo menos 34 milhões de m³ foram lançados no meio ambiente. Os rejeitos de mineração afetaram diretamente 663 km no Rio Doce e seus afluentes e chegaram ao oceano no dia 21 de novembro, no município de Linhares, no Espírito Santo.

A destruição de Áreas de Preservação Permanente ocorreu no trecho de 77 quilômetros de cursos d'água da barragem de Fundão até o Rio do Carmo, em São Sebastião do Soberbo (MG). No começo da contagem, havia mais de 600 pessoas

² http://www.ibama.gov.br/phocadownload/noticias_ambientais/laudo_tecnico_preliminar_ibama.pdf

desabrigadas. Até hoje foram contabilizados 19 mortos e pelo menos dois corpos ainda estão desaparecidos.

Seis localidades de Mariana, além de Bento Rodrigues, foram atingidas. O detrito das barragens tomou conta do rio Gualaxo e chegou ao município de Barra Longa, a 60 km de Mariana e a 215 km de Belo Horizonte.

Se for considerado o volume de rejeitos despejados o desastre em Mariana (MG) equivale, praticamente, à soma dos outros dois maiores acontecimentos do tipo já registrados no mundo – ambos nas Filipinas, um em 1982, com 28 milhões de m³; e outro em 1992, com 32,2 milhões de m³ de lama. Os dados estão presentes em estudo da Bowker Associates – consultoria de gestão de riscos relativos à construção pesada, nos Estados Unidos – em parceria com o geofísico David Chambers.³

Como os rejeitos também chegaram ao rio Doce, o abastecimento de água foi interrompido em municípios mineiros como Governador Valadares e em municípios do Espírito Santo. Foi aí que o *Acontecimento Mariana* surgiu, dos rejeitos para a mídia. As informações vagas, a população em alerta, a necessidade de determinar a alguém a culpa. O acontecimento aos poucos foi se transformando, a função social do jornalismo desabrochou no momento mais desesperador.

A mineradora Samarco, logo após o desastre, anunciou juntamente com órgãos competentes, ações previstas em seu plano de emergência que priorizavam o atendimento e integridade das pessoas nas proximidades das barragens, além de ações para conter danos ambientais. Representantes da Vale e da BHP Biliton prometeram criar um fundo de assistência para as comunidades e meio ambiente. Multas aplicadas pelo Ibama por danos ambientais ainda foram geradas.

Um ano se passou desde então. O pó de minério ainda encobre as principais áreas devastadas. Ao longo de rios, as águas encontram os bolsões de rejeito. Milhões e milhões de metros cúbicos da lama, agora seca, seguem espalhados, deixando rastros pelo ambiente.⁴

³ <http://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2016-01/desastre-em-mariana-e-o-maior-acidente-mundial-com-barragens-em-100-anos>

⁴ <http://especiais.g1.globo.com/minas-gerais/minas-gerais/desastre-ambiental-em-mariana/2016/1-ano-apos-o-mar-de-lama--e-agora/>

Até outubro de 2016, a Samarco só havia retirado 2% da lama que se acumulou entre Bento Rodrigues, o distrito mais afetado pela tragédia, e a Usina Hidrelétrica de Risoleta Neves, conhecida como Candonga.

Considerada o maior desastre ambiental do Brasil pelo Ibama, o Ministério Público Federal denunciou um total 22 pessoas, de todas as empresas responsáveis pela barragem. Entre as acusações, eles vão responder diversos crimes como homicídio qualificado com dolo eventual, crimes de inundação, lesão corporal, desabamento e crimes ambientais.

Desde a tragédia, segundo informações do Ibama foram emitidas 69 notificações à Samarco, entre determinações de procedimento em algumas situações e comunicando irregularidades. Segundo ainda o órgão ambiental, a mineradora não chegou a cumprir 5% das recomendações feitas. Esse descumprimento para adoção de medidas de controle para acabar com a degradação ambiental faz com que o Ibama aumente o número de multas aplicadas à mineradora, que até o momento possuía 13 autos de infração, que já ultrapassam 300 milhões de reais. A mineradora vem recorrendo de todas elas.

No subcapítulo a seguir, apresentamos o objeto empírico da pesquisa, o Portal G1. Também abordaremos a forma como o veículo empreendeu sua cobertura sobre o *Acontecimento Mariana*, enfatizando como os conteúdos foram organizados e atualizados no site.

2.4 Objeto empírico: o Portal G1

O portal de notícias G1, que é mantido pelas Organizações Globo, sob orientação da Central Globo de Jornalismo, foi lançado em 18 de setembro de 2006, no aniversário de 41 anos da Rede Globo, disponibilizando o conteúdo de Jornalismo das diversas empresas do Grupo Globo, além de reportagens próprias com formatos em texto, fotos, áudio e vídeo. O portal recebe matérias 24 horas por dia e, desde o ano de 2010, disponibiliza versões em inglês e espanhol além de vídeos legendados nos dois idiomas.⁵

⁵ <http://www.grupoglobo.globo.com/>

Figura 1: Logomarca do Portal G1



Fonte:(Portal G1)

Uma pesquisa realizada pelo Ibope Nielsen e março de 2013 constatou que a página da UOL obteve 35.801 milhões de acessos no ano e página da Globo.com (que hospeda o G1) alcançou 30.529 milhões. A escolha pelo segundo maior portal deu-se devido às notícias veiculadas no portal UOL serem produzidas também por seus parceiros, e, muitas vezes, são apenas compartilhadas pelo portal, diferente do Portal G1 que produz conteúdos exclusivos do Grupo Globo.

Através da região específica de Minas Gerais, o portal mantém todas as matérias organizadas por datas de publicação em uma aba desenvolvida com matérias feitas especificamente sobre o desastre em Mariana. O portal, que acompanhou o desastre desde sua fase inicial, segue publicando matérias a cada passo no processo até aqui. Apenas no primeiro mês foram publicadas mais de 200 matérias produzidas em áudio, vídeo e texto.

Foram produzidos também editoriais específicos durante cada mês seguinte a tragédia, além de materiais em áudio e vídeo. Quando o desastre chegou na marca de um ano, um grande infográfico com a recapitulação do acontecimento, além de novas produções sobre o distrito de Mariana atualmente, foi produzido.

A área específica sobre o rompimento da barragem, intitulada Desastre Ambiental em Mariana, segue sendo atualizada semanalmente, além do acervo de publicações lá mantidos.

Figura 2: Área destinada ao Desastre Ambiental em Mariana



Fonte: (Portal G1)

No capítulo a seguir, iniciaremos o processo de análise das fontes, primeiro separando-as de acordo com a classificação e logo após encaixaremos no valor de dito a parti do efeito mais qualificado para tal.

CAPÍTULO 3

O QUE AS FONTES NOS DIZEM SOBRE O DESASTRE EM MARIANA

3.1 Primeiros procedimentos metodológicos

Nesta pesquisa, os procedimentos metodológicos se desdobram em quatro etapas principais. São elas: revisão teórica sobre conceitos de contrato de comunicação, acontecimento, fontes de informação e desastres (desenvolvida nos capítulos anteriores); constituição do *corpus*; mapeamento dos tipos de fontes e designação das categorias analíticas.

Para a delimitação da análise, optou-se pelo portal comunicacional da Organização Globo, o G1, tendo em vista que todas as reportagens analisadas foram produzidas exclusivamente por este veículo para serem veiculadas apenas em âmbito digital. As matérias selecionadas foram escolhidas ainda dentro do editorial disponibilizado pelo portal, que é delimitado pelas cinco regiões do Brasil. Concentramo-nos, então, na aba referente à região sudeste, diretamente afetada pelo desastre.

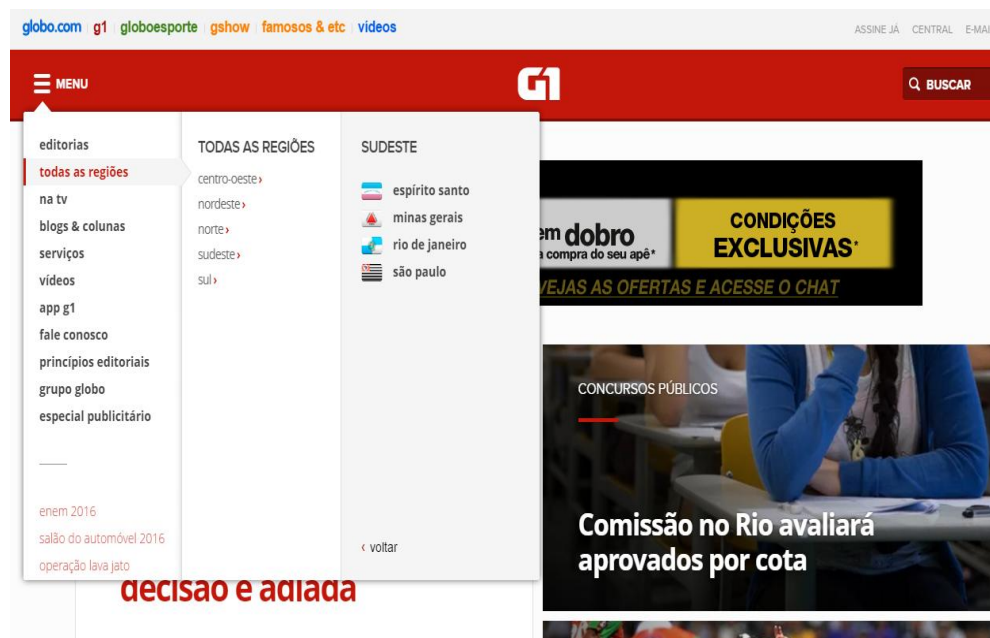
A escolha do *corpus* de pesquisa partiu da proposta de analisar a matéria “mais completa do dia”, isto é, aquele conteúdo que julgamos ser o que mais aprofundou as variadas dimensões do caso, que mais explorou as causas, consequências e responsabilidades. Então, foram analisadas as fontes de 8 matérias, uma para cada dia da semana inicial do desastre, de 05 à 12 de novembro de 2015, as últimas veiculadas de cada dia e com um recorte ainda de apenas citações literais, onde chegamos a um total de 35 citações.

No que diz respeito à escolha por analisarmos apenas citações literais parte de nossa leitura prévia das matérias, momento que já percebemos que a maioria das citações utilizadas se constituía como literais (declarações descritas na íntegra). Esse tipo de citação, demarcada pela presença das aspas, está relacionada a construção de efeitos de realidade, já que se busca construir um visível afastamento do enunciador de tal dito (TORRES; PERUZZOLO, 2005). Além disso, as aspas compõem o que também é conhecido como discurso direto, que busca eximir o

enunciador das responsabilidades, ao se apresentar como devidamente autêntico, objetivo e sério (MAINGUENEAU, 2001).

Durante o primeiro mês do desastre, mais de 200 matérias foram publicadas pelo G1. Observamos que nenhum dos 25 dias restantes do mês ficou sem alguma nota sobre o *Acontecimento Mariana*. Pelo menos uma das matérias produzidas para o portal no decorrer dos dias teve tamanhos médio e grande, dentro do editorial da região sudeste. No site, a partir da aba geral, notas eram publicadas também, diariamente, ao longo de novembro de 2015.

Figura 3: Área destacada da região sudeste no Portal G1



Fonte: **Portal G1**

Por se tratar de uma plataforma digital, para a nossa constituição do *corpus*, foram ignorados relatos de testemunhos dados através de vídeos que compunham as matérias, mesmo sabendo de sua grande importância, pois o nosso objetivo tem em vista analisar, sobretudo, o texto das matérias, isto é, o tradicional relato escrito.

Antes de apresentarmos nosso gesto analítico, consideramos importante descrever o conteúdo presente em cada uma das oito matérias analisadas. O resumo de cada matéria busca contextualizar como se deu a cobertura do G1 sobre

o *Acontecimento Mariana* na primeira semana do desastre. Como já sublinhamos, são dessas oito matérias que extraímos as 35 citações literais que compõem o *corpus* de nosso trabalho.

A primeira matéria analisada, publicada no dia 05 de novembro, intitulada “Barragem se rompe, e enxurrada de lama destrói distrito de Mariana” entrou no portal no início da noite. Ela foi publicada com duas fontes oficiais e uma testemunhal, além de uma nota da Samarco. Tratou do assunto ainda com muita incerteza, informando quais eram as barragens que haviam se rompido, a realocação dos desabrigados e os esforços que estavam sendo realizados na procura por sobreviventes, além de possíveis causas e da procura por culpados.

A matéria do dia 6, intitulada “Lama de barragens atinge áreas a até 100 km de distância em MG” também foi publicada à noite. Nela, duas fontes autorizadas deram declarações, uma delas, Ricardo Vescovi, diretor-presidente da Samarco, já havia sido utilizada na cobertura do dia anterior. Na reportagem foram abordados aspectos ambientais relacionados ao desastre, em especial, a quantidade de rejeitos despejados na natureza e algumas de suas consequências. As vítimas, bem como o reconhecimento dos desaparecidos também tiveram destaque na matéria. Outro aspecto discutido foi o inquérito e as investigações que foram abertas contra a Samarco.

No dia 7 de novembro a manchete foi “Lama de barragens de Mariana chega ao Rio Doce, no Leste de Minas” que foi inserida no portal no final da tarde. Na matéria, uma fonte *expert* e duas autorizadas foram utilizadas. As declarações das fontes traziam informações referentes ao armazenamento e coleta de água. Pela primeira vez, nos três dias, os moradores foram postos como observadores do acontecimento, parados as margens dos rios para visualizar a chegada da lama em suas cidades. Ainda nesta matéria, há também um alerta sobre o impacto ambiental do desastre causado e os boletins de ocorrência que foram enviados ao Ministério Público.

“Difícil trabalhadores de barragem terem sobrevivido, diz governador” foi o título da matéria veiculada no dia 08 de novembro. Publicada no início da manhã e atualizada pela noite, o texto traz quatro fontes autorizadas e uma *expert*, reciclando o governador Fernando Pimentel, como fonte, e trazendo três citações do Coronel

Luiz Henrique Gualberto. Como a própria manchete já diz, a matéria discorre sobre a busca por desaparecidos nos rejeitos da barragem, além disso, a Agência Nacional de Águas discorre sobre o corte da captação e análise da água poluída. A matéria faz, ainda, referencia a um principio de infarto do prefeito de Mariana.

Dia 09 de dezembro é publicada a matéria “Escolas estaduais suspendem aulas em Baixo Guandu e Colatina”. No texto, aparecem quatro citações de fontes autorizadas, sendo três delas de uma mesma fonte, e uma citação de fonte testemunhal. O principal foco da reportagem foi informar a lista de escolas que entraram em suspensão por causa da falta de água. Logo após as novas informações obtidas, ela apresenta uma retrospectiva do desastre e fala dos danos à fauna e flora, além dos problemas de reabastecimento das cidades. A matéria cita também a retirada de moradores ribeirinhos e as doações que estavam sendo feitas para os afetados pelo desastre.

No dia 10 de novembro “Água do Rio Doce fica mais escura e indica que lama está perto do ES” é o dia com maior número de citações. No total, foram empregadas nove citações divididas em três autorizadas, uma *expert* e cinco testemunhais. A matéria chama atenção para os caminhos que os rejeitos estão percorrendo e logo após faz um apanhado do que se sabe sobre o desastre até aquele momento. Junto com ela, as fontes descrevem o acompanhamento dado ao desastre, desde que a lama chega, até a hora em que o governo sobrevoa o local para acompanhar a situação. É também aqui que existe um apelo por doações de água, e sequência o processo de apuração das consequências do desastre. Nesta matéria, o jornalista reutiliza todas as fontes e usa as mesmas citações do dia anterior, em sua retrospectiva. Como será visto em nosso gesto analítico, tais citações não foram calculadas novamente.

“Governo do ES diz que Samarco não cumpriu exigências e aciona a Justiça” é a chamada do dia 11 de novembro. A matéria publicada no fim da noite traz consigo quatro citações de três fontes autorizadas, sendo Rodrigo Júdice uma fonte reciclada de outra matéria. Diferente das outras matérias analisadas, esta, por sua vez, fala basicamente sobre os processos judiciais que foram movidos contra a Samarco. Um apanhado geral sobre o desastre ilustra a matéria, mas os dados jurídicos são os mais destacados. Dentre todas as reportagens, esta é a que adota uma postura mais vigilante e incisiva, pois faz questionamentos judiciais sobre as

ações que não estão sendo cumpridas como o reabastecimento de água para as cidades atingidas, e as análises que deveriam estar sendo feitas a respeito dos resíduos nas águas.

A última matéria analisada é do dia 12 de novembro “Nº de fiscais para vistoriar barragens em Minas é insuficiente, diz secretaria” publicada no final da tarde com quatro citações e duas fontes *experts*. Esta matéria fecha a primeira semana do desastre, fazendo a retrospectiva do ocorrido e inserindo alguns dos que viriam a ser os motivos para o rompimento da barragem de Fundão. O texto ainda aborda a questão das licenças que foram tiradas para que as barragens da Samarco estivessem em funcionamento e como funciona o processo de obtenção delas. Ela mostra também que aparentemente tudo estava dentro dos conformes mesmo com as licenças da empresa estando vencidas e, a partir disso, a matéria apresenta um levantamento sobre as barragens de Minas Gerais e suas situações atuais.

Com base na sistematização elaborada por Amaral (2015), mapeamos os tipos de fontes presentes nas matérias do G1, classificando-as em autorizadas, *experts* ou testemunhais. Em seguida, nos ancoramos em contributos teóricos desenvolvidos por Charaudeau (2015), especialmente, no que o autor denomina como valor do dito. De acordo esta perspectiva, todo dizer (enunciado) está relacionado a determinado efeito valorativo. Os efeitos são os seguintes: Efeito de Decisão; Efeito de Opinião; Efeito de Saber; e Efeito de Testemunho. A partir da leitura das oito matérias que foram publicadas entre os dias 05 e 12 de novembro de 2015 no Portal G1, buscamos mapear e problematizar tais efeitos nas declarações das fontes que compõem o relato do *Acontecimento Mariana*.

A tabela a seguir apresenta como se deu a utilização dos três tipos de fontes (autorizadas, *experts* e testemunhais) pelo Portal G1 ao longo da primeira semana da cobertura sobre o desastre. Os números são referentes apenas às oito matérias que selecionamos para a análise.

Tabela 1: Manifestação dos tipos de fontes ao longo dos dias

Tipos/Datas	05.11	06.11	07.11	08.11	09.11	10.11	11.11	12.11	Total
Autorizadas	2	2	2	4	4	3	4		21
Experts			1	1		1		4	7
Testemunhais	1				1	5			7

Fonte: autoria própria

Durante os oito dias analisados, a predominância de fontes autorizadas nos chama a atenção para a peculiaridade do desastre. A barragem de Fundão rompeu-se sem aviso, e, durante os primeiros dias, acreditava-se que ela não era a única rompida. O fato de o jornalista recorrer a uma fonte autorizada, e não tanto a *experts*, deu-se simplesmente por não se saber o que estava acontecendo e qual eram os danos. Precisavam de fontes para explicar o que estava acontecendo, mas como recorrer a um especialista para falar sobre algo que não se conhece sua especificidade? Assim, percebemos uma soberania no uso das fontes autorizadas, como a tabela acima ilustra. Ao todo, foram 14 fontes autorizadas a mais do que *experts* e testemunhais.

Diferente do que podíamos imaginar, o número de fontes testemunhais nessa primeira semana é consideravelmente baixo. As poucas que foram utilizadas não eram recorrentes, como apresentado na tabela. Logo, notamos que elas apareceram em apenas três dos oito dias analisados. Deve-se pontuar entretanto, que a cada tipo de desastre tem-se tipos de testemunhas. Neste caso, as testemunhas que poderiam ser entrevistadas eram as pessoas que fugiram do local, até porque muitas pessoas que viveram o acontecimento de perto, não sobreviveram. Quando tiveram espaço nas matérias, o tom de curiosidade foi mais enfatizado que a própria dor por terem participado do acontecimento. As testemunhas estavam ali para observarem a situação, para verem os rejeitos chegando, para calcularem a quantidade de água teriam que armazenar.

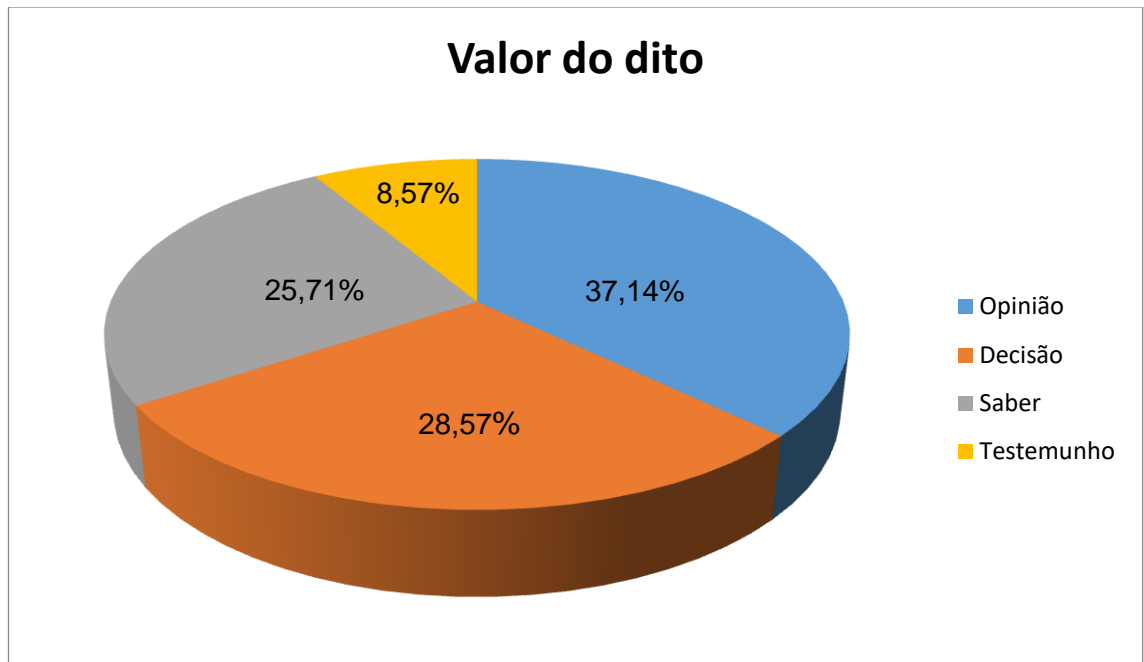
Os *experts* apareceram de forma espaçosa nestes primeiros dias da cobertura. Quando suas falas foram empregadas, guiaram o tom da matéria. Assim, apresentaram dados e levantavam questionamentos dentro das áreas jurídicas e especializadas em recursos naturais para que as fontes autorizadas pudessem complementar as atividades que vinham sendo realizadas desde que o desastre ocorreu.

Após mapearmos a manifestação dos tipos de fontes nas oito matérias do G1 sobre o *Acontecimento Mariana*, na sequência deste trabalho, analisamos como se dá o efeito valorativo associado a cada citação direta das fontes (declarações recortadas e apresentadas nas matérias). Com isso, buscamos compreender como o posicionamento das fontes utilizadas pelo veículo ajudou a construir o maior desastre socioambiental no Brasil.

3.2 O valor do dito nos relatos das fontes do G1

Para Charaudeau (2015) o valor do dito é como uma seleção, já que dentro de uma mesma matéria o jornalista tem o poder de escolher quem e como vai usar a fonte. Assim, a identidade do declarante pode variar da maior notoriedade possível ao anonimato absoluto. O valor do dito vem como mediador dessa escolha com base em um efeito valorativo. Através dessa compreensão teórica do autor – já discutida no capítulo 1 –, além de classificarmos as fontes, intencionamos analisar como elas tiveram suas falas recortadas em determinados efeitos valorativos, mediante as funções desempenhadas nas matérias. Portanto, cabe sublinharmos novamente que o valor do dito é separado em quatro efeitos: o Efeito de Decisão, Efeito de Saber, Efeito de Opinião e Efeito de Testemunho.

Ao analisarmos as 35 citações literais extraídas das oito matérias do G1, obtivemos um total de 13 declarações com Efeito de Opinião, 10 declarações com Efeito de Decisão, 9 declarações com Efeito de Saber e 3 declarações com Efeito de Testemunho. O gráfico supracitado abaixo ilustra esses resultados.

Gráfico 1: Valor do dito nas fontes utilizadas pelo G1

Fonte: autoria própria

Na apresentação das categorias de análise que estão aqui representadas a partir dos quatro efeitos classificados como valor de dito (CHARAUDEAU, 2015), as citações literais são tomadas como sequências discursivas (SD), trechos que recortamos para analisarmos. A ordem dos efeitos valorativos foi organizada por número de ocorrências verificadas em nossa leitura das citações. Sendo assim, começamos nossa reflexão a partir do Efeito de Opinião, passando pelo Efeito de Decisão, Efeito de Saber e finalizando a análise com o Efeito de Testemunho. Lembramos que é possível que uma citação remeta a dois ou mais efeitos, no entanto, no caso da nossa pesquisa, identificamos apenas um efeito em cada uma das declarações apresentadas.

3.1 Efeito de Opinião

Segundo Charaudeau (2015), o Efeito de Opinião emana de um locutor que expressa um julgamento. Por nosso *corpus* ter sido selecionado a partir de matérias produzidas nos primeiros dias do desastre, onde pouco se sabia, esse efeito se sobressaiu. Na busca por respostas, as fontes opinavam sobre o acontecimento e questionavam o que deveria acontecer nos próximos dias.

A tabela a seguir evidencia que este efeito foi o mais observado entre as fontes autorizadas.

Tabela 2: Efeitos valorativos nas Fontes Autorizadas

	05.11	06.11	07.11	08.11	09.11	10.11	11.11	12.11	Total
Opinião		1		4	1	1	2		9
Saber	1	1	2						4
Decisão	1				3	2	2		8
Testemunho									0

Fonte: autoria própria

O Efeito de Opinião está presente nos três tipos de fontes, mesmo nas *experts*, que além de trazerem dados específicos, assumem uma posição também questionadora. Isto é, os especialistas também tiveram suas falas relacionadas a avaliações sobre o acontecimento. Compreendemos que este efeito pode fazer com que o jornalista tenha um norte para poder lançar dúvidas e ir atrás de respostas na cobertura sobre o caso, já que as declarações das fontes levantam dados, juízos de valores e hipóteses diversas sobre o desastre.

(SD1) **“Essa é a pior crise da história”**, afirmou. “Não avaliamos a extensão do prejuízo” diretor-presidente da Samarco, Ricardo Vescovi (G1 - 06.11.2015).

(SD2) “É um desastre, uma tragédia de grande extensão”, falou Fernando Pimentel. **“Uma perda de vida humana já seria irreparável, imagina 28”**, afirmou Pimentel (G1 - 08.11.2015).

(SD3) O comandante-geral do Corpo de Bombeiros de Minas Gerais, coronel Luiz Henrique Gualberto, que coordena as buscas, salientou em seguida que, “em nenhum momento, vamos trabalhar com **hipótese de corpos**” (G1 - 08.11.2015).

(SD4) “Nós vamos encontrar gente viva, **se Deus quiser**”, disse Gualberto (G1 - 08.11.2015).

(SD5) “Os 13 desaparecidos na barragem [os trabalhadores] **difícilmente vão ser encontrados** com vida”, disse Gualberto. (G1 - 08.11.2015)

(SD6) **“Acho** que vai ser possível manter entre 20% e 30% do que a gente trata normalmente quando capta no Rio Doce”, falou o prefeito de Colatina, Leonardo Deptulski (G1 - 09.11.2015).

(SD7) “**Nem todo mundo** tem condições de ficar comprando água. Aqui e na outra casa não tem caixa d'água, então a gente tomou a iniciativa de encher a piscina para não ficar sem”, falou a dona de casa Jéssica Gomes (G1 - 09.11.2015).

(SD8) "Eles **têm costume** de ficar ali quando tem enchente, ficam sempre acompanhando. A Polícia Militar está no local também, para monitorar", disse o prefeito Neto Barros (G1 - 10.11.2015).

(SD9) "A maior preocupação é com a fauna, flora, os pescadores que vivem da pesca. Os peixes estão morrendo tudo, como vão viver. Está acabando tudo por onde passa, pelo que vi na internet. **E quem vai ser responsabilizado por isso?**", questionou Angelina, aposentada, moradora à beira do Rio Doce, em Baixo Guandu (G1 - 10.11.2015).

(SD10) "**Eu esperava** encontrar muita sujeira, mas fico aliviada de não encontrar tão suja. Vim desde cedo porque estou preocupada", disse Valdete Malini, moradora, funcionária pública (G1 - 10.11.2015).

(SD11) “**Não percebemos** nenhuma atitude de maior relevância por parte da empresa, então decidimos propor uma ação cautelar para que o juiz avalie isso em caráter preventivo”, disse o Procurador-geral do Estado, Rodrigo Rabello (G1 - 11.11.2015).

(SD12) “O valor da multa ficará a **livre arbítrio** do juiz”, completou Rabello (G1 - 11.11.2015).

(SD 13) “**Eu não diria** que a empresa está errada. Fizeram com que ela funcionasse com mecanismos legais que o empreendedor vai buscar. **Se** a lei faculta ele agir dessa maneira, por que não, ele vai buscar. Agora, tem que ser alterada a lei. Nós temos que alterar é a lei”, disse o presidente da Comissão de Direito Ambiental da Ordem dos Advogados do Brasil (OAB), especialista em direito ambiental Mário Werneck (G1 - 12.11.2015).

O Efeito de Opinião vai ao encontro das declarações dadas no meio da incerteza turbulenta do acontecimento. Podemos notar que muitas das citações preenchem o espaço com tons de “confissões ou denúncias” (CHARAUDEAU, p. 169). Um exemplo é a (SD1) “*Essa é a pior crise da história*”, afirmou. “*Não avaliamos a extensão do prejuízo*” o diretor-presidente da Samarco, que reforça a ideia de confissão, evidenciado que esse seria o pior momento já vivenciado pela empresa, bem como pela região afetada.

Como num pedido desesperado, a (SD4) “*Nós vamos encontrar gente viva, se Deus quiser*” a opinião do Comandante Geral é o que comanda o tom da matéria, ou seja, destaca-se a ideia de esperança. No desastre em Mariana, a necessidade de reafirmar a esperança de encontrar sobreviventes guiou os primeiros dias das reportagens veiculadas. Para não desencorajar os familiares e o reforço na ideia das buscas, a expressão (SD3) “*em nenhum momento, vamos trabalhar com hipótese de corpos*” salientava que todas as medidas estavam sendo feitas na busca por desaparecidos.

A curiosidade também é outro elemento apontado no Efeito de Opinião. Como demonstram os testemunhos que acompanhavam os rejeitos, que com o passar dos dias, levantavam questões a respeito do que estava acontecendo, como podemos observar em (SD9) *“E quem vai ser responsabilizado por isso?”* e (SD10) *“Eu esperava encontrar muita sujeira, mas fico aliviada de não encontrar tão suja”*. Ainda na (SD9), também percebemos que a declaração da fonte em questão (uma moradora da região afetada) colabora para politizar a discussão, uma vez que suscita questões acerca de quem vai ser responsabilizar pelo ocorrido.

Já no final da semana, a impaciência e indignação de alguns atores sociais foram tomando conta do discurso à medida que a esfera jurídica era acionada para providenciar as ações que a Samarco estava alheia a realizar, como podemos notar na (SD11) *“Não percebemos nenhuma atitude de maior relevância por parte da empresa, então decidimos propor uma ação cautelar para que o juiz avalie isso em caráter preventivo”*.

O tom opinativo se transforma conforme a semana se desenrola, isto é, novas nuances são percebidas nesse efeito valorativo. Do apelo pela procura de sobreviventes à esperança, do questionamento de testemunhas a ações jurídicas movidas contra a empresa, o Efeito de Opinião tomou diferentes rumos avaliativos no decorrer da cobertura do G1 desta primeira semana.

3.2 Efeito de Decisão

Depois do Efeito de Opinião, o Efeito de Decisão é o que mais aparece no total de citações literais. Segundo Charaudeau (2015), ele é utilizado quando a declaração de alguém emana um poder de decisão, quando vem acompanhado da realização de alguma ação.

Podemos observar que este efeito fez-se presente na fala de duas, das três categorias de fontes. Ausente na fala de fontes testemunhais, notamos que os testemunhos deste acontecimento não são utilizados a partir de um valor de decisão, mas sim, para explanar sobre o fato e suas consequências, por isso, se anulam mediante este tipo de efeito.

O que se ressalta na fala de pessoas autorizadas, em sua maioria, e *experts* em um menor número, é que neste momento inicial do desastre, elas vêm ao encontro do público como atores principais na tomada de decisões. Além disso, nas declarações destaca-se a tentativa de justificar o desastre, evidenciando as ações que já estão sendo realizadas.

(SD14) Em nota oficial, o governador, Fernando Pimentel, disse que recebeu com consternação a notícia do desastre. "A Defesa Civil e outros órgãos competentes **estão enviando** todos os esforços para prestar os primeiros socorros e todo atendimento necessário à população do distrito, ainda de difícil acesso em razão dos estragos causados pela inundação", diz o texto (G1 - 05.11.2015).

(SD15) "O impacto ambiental é imensurável. Estamos no período da piracema, o que vai trazer um prejuízo muito grande na reprodução dos peixes, além de outros danos. Estamos confeccionando os boletins de ocorrência que **serão enviados** ao Ministério Público (MP) em Belo Horizonte, para que a empresa seja responsabilizada pelos danos causados no Vale do Aço", diz o tenente da Polícia Militar Ambiental, Átila Porto (G1 - 07.11.2015)

(SD16) "A primeira cidade que passou por isso foi Governador Valadares e nós ainda não sabemos o que aconteceu. Em Ipatinga, onde houve análise, a qualidade da água piorou. Se essa tendência se confirmar, **vamos ficar** entre 24 e 48 horas com o risco de não tratar" o prefeito de Colatina, Leonardo Deptulski (G1 - 09.11.2015).

(SD17) "Passando pelas barragens, diminui a concentração de partícula. Assim que a mancha de lama estiver mais próxima, nós já **vamos coletar amostra** para fazer análise e, a partir daí, é que nós vamos dizer se vamos continuar tratando a água ou não", falou Deptulski (G1 - 09.11.2015)

(SD18) "**Vamos esperar** pelo menos aquela primeira água mais densa passar, para, aí sim, com a água toda normal, dentro dos parâmetros, a gente volta a tratar. O importante é armazenar o máximo que der e economizar, porque, pelo menos, durante essas 48 horas, a gente não tem previsão de retomar a captação", afirmou o diretor do Serviço Autônomo de Água e Esgoto (Saae) de Baixo Gandu, Luciano Magalhães. (G1 - 09.11.2015)

(SD19) "Com relação aos danos ambientais, eles são inevitáveis. Nós temos que monitorar a qualidade da água. Este monitoramento já está sendo feito pela própria empresa e a Cesan também **está fazendo** este monitoramento. **Já entramos em contato** com o órgão ambiental que licenciou a barragem no estado de Minas Gerais para analisar os produtos que são manuseados pela empresa e fazer a confrontação com o material que vai ser coletado no rio", explicou o secretário de Estado do Meio Ambiente, Rodrigo Júdice (G1 - 10.11.2015).

(SD20) "A coleta de amostras de água nos trechos impactados já **foi iniciada e terá continuidade** até a normalização da situação. É importante mencionar que a empresa está, no momento, concentrando seus esforços no atendimento às pessoas atingidas", diz a nota da Samarco (G1 - 10.11.2015)

(SD21) "A nossa equipe de governo e as equipes das prefeituras **vêm trabalhando** de uma maneira coordenada, com todos os setores, como Defesa Civil e o setor de água. Nós unimos os técnicos da Cesan e os técnicos dos SAAEs na região do [Rio] Doce. Esse trabalho tem o intuito de amortecer o impacto no ponto de vista da população naquilo que está ao nosso alcance, infelizmente tem muita coisa que não está, numa tragédia como essa", explicou o governador Paulo Hartung (G1 - 10.11.2015)

(SD22) "Vendo a situação de Governador Valadares, e a possibilidade de não captação de água em Baixo Guandu e Colatina, **entendemos ser necessário acionar** a Justiça. A empresa pode ser multada, já que não cumpriu na integralidade o que nós exigimos", explicou o Secretário Estadual de Meio Ambiente, Rodrigo Júdice (G1 - 11.11.2015).

(SD23) "A gente continua aqui e vai permanecer como braço do governo, como apoio aos municípios atingidos por esse desastre. Só **vamos desmobilizar esses recursos quando** normalizar o abastecimento de água nos dois municípios, em Baixo Guandu e Colatina", falou o coronel Fabiano Bonno (G1 - 11.11.2015)

Podemos notar que em todas as citações retiradas das matérias, a presença do tom de urgência no Efeito de Decisão. Em cada uma delas, detalhes mostram como já vem sendo feito e o que foi decidido para que a situação dos afetados pelo desastre melhore gradativamente.

A presença de verbos de ação também é um fator determinante na decisão. Desde o primeiro dia, eles estão presentes nas falas das fontes autorizadas e *experts*, definindo as medidas que seriam tomadas: (SD15) "*Estamos confeccionando os boletins de ocorrência que serão enviados...*", (SD17) "*Assim que a mancha de lama estiver mais próxima, nós já vamos coletar amostra...*", (SD19) "*Este monitoramento já está sendo feito pela própria empresa e a Cesan também está fazendo este monitoramento.*".

O Efeito de Decisão, portanto, segue um padrão nestes oito dias, tanto no tipo principal de fonte (as autorizadas), quanto nos assuntos abordados. A coleta de água, a importância do armazenamento e as mobilizações frente à justiça são ações explicitadas nas declarações que vão ao encontro da necessidade que o leitor tem de saber que o público está sendo feito.

3.3 Efeito de Saber

O Efeito de Saber está presente nos três tipos de fontes. Isso porque, ele é reproduzido por especialistas a partir de um domínio particular (CHARAUDEAU,

2015). Diante disso, reconhecemos que dentro de seu espaço, todo tipo de fonte pode dominar um dado tópico, ou seja, ter uma competência sobre algo em específico.

A tabela que apresentamos abaixo evidencia que o Efeito de Saber foi o mais presente nas fontes *experts*, reforçando a ideia de que cabe mesmo aos especialistas explicarem as causas e consequências dos fatos. Na construção dos relatos do G1 sobre o *Acontecimento Mariana*, isso não foi diferente.

Tabela 3: Efeitos valorativos nas Fontes Experts

	05.11	06.11	07.11	08.11	09.11	10.11	11.11	12.11	Total
Opinião								1	1
Saber				1				3	4
Decisão			1			1			2
Testemunho									0

Fonte: autoria própria

(SD24) O diretor-presidente da Samarco, Ricardo Vescovi: "Lamentamos profundamente e estamos muito consternados com o acontecido, mas **estamos absolutamente mobilizados para conter os danos causados por esse acidente**", finalizou (G1 - 05.11.2015).

(SD25) Para o prefeito de Rio Doce, o "desastre ecológico é ainda incalculável". "Há milhares de **peixes mortos, quilômetros de matas ciliares destruídos, lama fétida** e outras tantas toneladas de madeira boiando", disse Silvério da Luz (G1 - 06.11.2015).

(SD26) "A orientação que está sendo dada aos municípios por meio do Comitê das Bacias do Rio Doce é que durante esta onda estiver passando pelos municípios, **a captação de água sejam suspensas e só retomem as atividades depois de análises desta água que garantirem que ela é potável**" presidente da Câmara Técnica de Gestão de Eventos Críticos (CTGEC), Lucinha Teixeira (G1 - 07.11.2015).

(SD27) "O tempo para retornar a captação só saberemos depois das análises, podendo durar horas, dias, mas ainda não podemos afirmar o tempo. A orientação é que os municípios que ainda não foram atingidos, **captem água e reservem para tentar evitar o desabastecimento**" presidente da Câmara Técnica de Gestão de Eventos Críticos (CTGEC), Lucinha Teixeira (G1 - 07.11.2015).

(SD28) **"A natureza do resíduo em questão implica em grandes alterações temporárias das características da água bruta**, por tempo indeterminável neste momento", afirmou a Agência Nacional de Águas (ANA). A captação deve ser retomada somente "a partir da melhoria das características físico-químicas da água, considerando suas possibilidades de potabilização" e não há como prever quanto tempo deve durar a interrupção (G1 - 08.11.2015).

(SD29) "Nosso estoque de caixas d'água acabou desde sábado. **Vendemos tudo**", disse o vendedor Weslei Milagre (G1 - 10.11.2015).

(SD30) **"Nós não temos o número suficiente para análise no ritmo e no tempo que precisamos**. O governo está procurando reestruturar a secretaria para que nós possamos ter mais técnicos e melhores condições de fazer os licenciamentos", disse o subsecretário de Gestão Ambiental, Geraldo Abreu (G1 - 12.11.2015).

(SD31) **"Cento e vinte dias antes do vencimento da licença, o empreendedor deve formalizar junto ao órgão o pedido de revalidação da licença**. Durante o período de manifestação do órgão, a licença continua válida. Portanto, este procedimento é um procedimento de rotina no licenciamento em todo o Brasil", disse o subsecretário de Gestão Ambiental, Geraldo Abreu. Perguntado sobre a legalidade do funcionamento das barragens, o subsecretário afirma que "elas estão devidamente licenciadas" (G1 - 12.11.2015).

(SD32) "É imoral a forma como isso acontece, porque, na verdade, **os empreendimentos de risco devem ser monitorados dia a dia**. Nós estamos falando na produção de bens que devem ser produzidos dessa extração, mas que infelizmente devem ser acobertados em termos de fiscalização", disse o subsecretário de Gestão Ambiental, Geraldo Abreu (G1 - 12.11.2015).

Analisando as fontes, fica evidente que tanto as citações de *experts*, como de testemunhos, carregam consigo o peso do saber com maior ou menor distanciamento do caso. O *Expert* costuma expressar as suas ideias através do conhecimento adquirido em sua área de estudo e campo profissional. Por seu turno, dentro do seu ambiente de atuação, a testemunha também pode ser especialista em determinada questão. Um exemplo é a (SD29), *"Nosso estoque de caixas d'água acabou desde sábado. Vendemos tudo"*, em que o vendedor entrevistado ressalta seu conhecimento sobre as vendas.

Aqui (SD32) *"É imoral a forma como isso acontece, porque, na verdade, os empreendimentos de risco devem ser monitorados dia a dia."* vemos o subsecretário de Gestão Ambiental discorrer sobre um assunto da sua área de conhecimento, bem como o vendedor (SD29) *"Nosso estoque de caixas d'água acabou desde sábado."*, que dentro do seu ambiente de atuação, é o portador da voz e do saber.

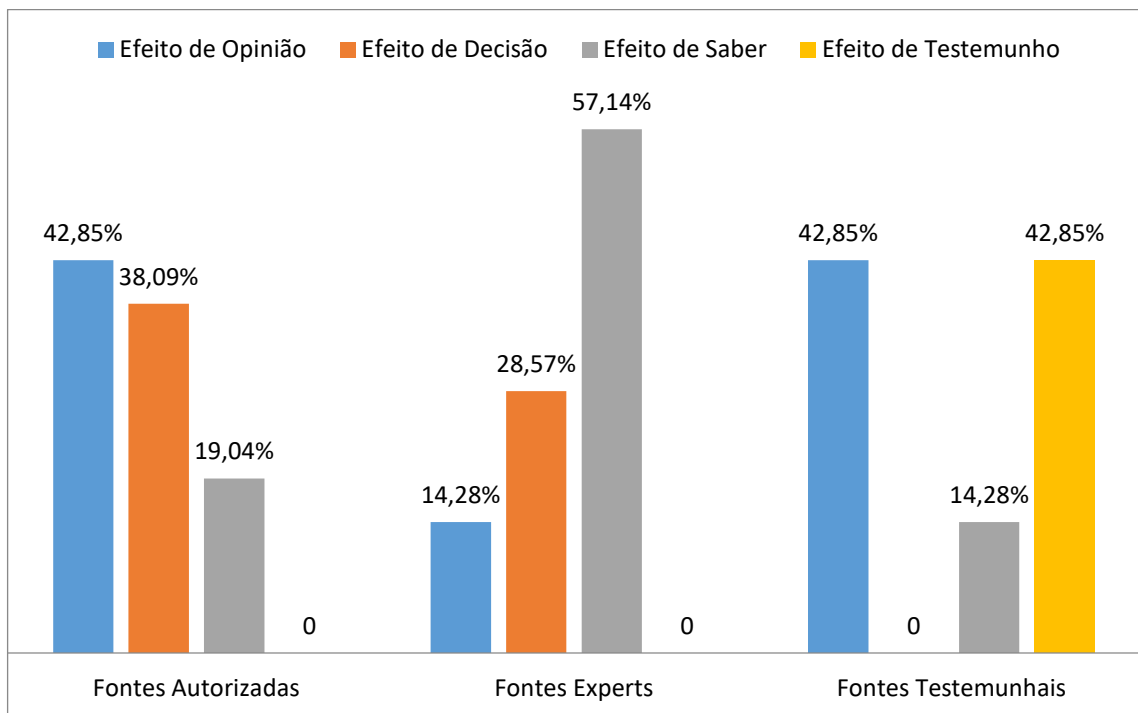
Testemunho	1					2			3
------------	---	--	--	--	--	---	--	--	---

Fonte: autoria própria

Normalmente o papel das testemunhas é reconstituídor do fato. No caso do Acontecimento de Mariana, percebemos que apenas a (SD33) cumpre esse papel, quando a fonte que é apresentada no primeiro dia revela ter sentido “um abalo”. As outras duas testemunhas aparecem aqui como observadoras da situação. Suas falas, então, reiteram que estão aguardando os rejeitos passar para posteriormente saberem como o desastre as atingirão.

Por fim, apresentamos um gráfico que engloba todos os quatro efeitos valorativos de acordo com os três tipos de fontes.

Gráfico 2 - Efeitos valorativos conforme os três tipos de fontes



Fonte: autoria própria

A partir deste gráfico, notamos que o Efeito de Opinião foi o mais estável entre os quatro tipos de fontes, tendo um mesmo total de ocorrências entre fontes

experts e testemunhais. Por sua vez, o Efeito de Decisão teve predominância com as fontes autorizadas, sendo nulo ente as testemunhais. Já o Efeito de Saber teve maioria absoluta de registros entre os *experts*. O Efeito de Testemunho, não surpreendentemente, se encaixou apenas nas declarações das próprias fontes testemunhais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir desta pesquisa, objetivamos analisar que efeitos valorativos foram atribuídos às fontes de informação utilizadas pelo G1 na cobertura jornalística do *Acontecimento Mariana*. Através do mapeamento das fontes, buscamos identificar os efeitos valorativos que criavam sentidos a cada citação analisada dentro dos oito dias iniciais do desastre. Por meio de nossa análise, refletimos sobre como esses sentidos são construídos e como o jornalismo se utiliza das fontes para tencionar o desastre e transformá-lo. A seguir, apresentamos as principais constatações do trabalho.

O tom opinativo predominou nas matérias analisadas, principalmente pelo fato de que o Portal G1 privilegiou as fontes autorizadas através do relato dos efeitos individuais dos desastres. Da maneira como as fontes foram identificadas e apresentadas a ideia foi de construir o acontecimento e, ao mesmo tempo, mobilizar leitores, além de ser uma forma própria de compreender a especificidade do desastre em Mariana.

No *corpus* analisado, foi possível perceber a diferença entre os valores do dito presentes e delimitados por Charaudeau (2015). Entre os mais frequentes, o Efeito de Opinião e o Efeito de Decisão são numericamente superiores se relacionadas ao Efeito de Saber e ao Efeito de Testemunho, por exemplo. Acreditamos que isso se deve ao motivo de que nos primeiros dias o caráter factual do acontecimento foi priorizado, deixando o testemunhal à parte da situação. Concluímos que isso ocorre pelo fato dos desastres serem acontecimentos específicos, caracterizados pela grande destruição e um elevado número de mortes. Apesar disso, mesmo sendo analisado individualmente, sem comparação com outro portal de notícias, é possível perceber que o G1, ao menos nas matérias que analisamos, buscou tomar cuidado para que a questão catastrófica não tornasse a construção de seus relatos exclusivamente sensacional, ou seja, baseada apenas nas singularidades das vítimas e nos aspectos de drama e comoção inerentes ao ocorrido.

Ainda no aspecto do desastre, o portal G1 peca pela descrição. Diferente do que afirma Valêncio (2009), o desastre em Mariana ainda é tratado como sendo apenas ambiental, tanto nas matérias analisadas, quanto no editorial que foi criado –

e representado na monografia pela Figura 1 -. Por isso, para que uma cobertura seja qualificada, devemos compreender que os sentidos do desastre vão além de algo natural, e, que se vistas apenas desse viés, a omissão e a vulnerabilidade ficam excluídas da questão.

Se for levada em conta apenas a classificação das fontes, seguindo Amaral (2015), quem ganha destaque são as fontes autorizadas. As *experts* aparecem pouco, pois com a agilidade com que o desastre vem à tona, e o pouco tempo de apuração que os jornalistas dispõem escolher fontes *experts* requer habilidades particulares para lidar com as especificidades; bem como as fontes testemunhais, já que o portal G1 escolheu andar pelo caminho factual, e deixar o lado emocional para uma segunda etapa.

Notamos no decorrer desta monografia que o uso das fontes é imprescindível para a formação de um acontecimento e do desastre, pois, é a partir delas que o tom crítico da matéria é estabelecido. O jornalista – e o jornalismo – necessitam adaptar-se as necessidades das fontes para que a cobertura do desastre seja feita de forma informativa, e não sensacional.

Compreendemos então que, principalmente, o *fazer saber* (de caráter informativo) e o *fazer sentir* (de caráter emotivo) estão intimamente atrelados a construção do acontecimento e na direção que o jornalismo toma em grandes coberturas. O tom questionador foi determinante na produção das matérias, pudemos concluir também que a construção do acontecimento deu-se de forma linear quando avaliada pelo viés das fontes e que a nossa pergunta foi respondida.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALSINA, Miquel Rodrigo. **A construção da notícia**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

AMARAL, Márcia Franz. Fontes testemunhais, autorizadas e experts na construção jornalística das catástrofes. In: **Revista Líbero**, v.18, n.36, jul./dez. 2015. São Paulo: 2015, p.43-54.

_____. POZOBON, Rejane. Entre o céu e a terra: a cobertura das catástrofes e o discurso das autoridades. In: **Revista Rumores**, v. 7, n. 14, jul. /dez. 2013. São Paulo: 2013, p.119-137.

BENETTI, Marcia. **O jornalismo como acontecimento**. In: BENETTI, Marcia;

BERGER, Christa. **Campos em confronto: a terra e o texto**. Porto Alegre: UFRGS, 2003.

BRASIL. Ministério da Integração Nacional. Secretaria Nacional de defesa Civil. Universidade Federal de Santa Catarina. Centro Universitário de Estudos e Pesquisas sobre Desastres. Comunicação de riscos e de desastres: guia. Formação à distância / Centro Universitário de Estudos e Pesquisas sobre Desastres. Florianópolis: CEPED, 2010.

CHARAUDEAU, Patrick. **Discurso das mídias**. 2. ed. Tradução de Angela S. M. Corrêa. São Paulo: Contexto, 2015.

CHRISTOFOLETTI, Rogério; TRICHES, Guilherme Longo. **Interesse público no jornalismo: uma justificativa moral codificada**. Revista Famecos: mídia, cultura e tecnologia. Porto Alegre, v. 21, n. 2, p. 484-503, maio/agosto 2014.

FONSECA, Virginia. **Jornalismo e Acontecimento. Mapeamentos críticos**. Florianópolis: Insular, 2010. p. 143-164

FONTCUBERTA, Mar de. **La noticia: pistas para perceber el mundo**. Barcelona: Pai dós Papeles de Comunicación, 2010.

FRANÇA, Vera. **O acontecimento e a mídia**. Revista Galáxia. São Paulo. N. 24, p. 10-21, dez de 2012.

FRANCISCATO, Carlos Eduardo. **A fabricação do presente: como o jornalismo reformulou a experiência do tempo nas sociedades ocidentais**. São Cristóvão: Editora UFS, 2005.

GANS, Herbert J. **Deciding what's news: a study of CBS Evening News, NBC News, Newsweek, and Time**. Evanston, Illinois: Northwestern University Press, 1979.

GONÇALVES, Jurandira Fonseca. Quem fala no jornalismo? In: LEAL, Bruno Souza; ANTUNES, Elton, VAZ, Paulo Bernardo. **Para entender o jornalismo**. Cidade: Autêntica, 2014.

HALL, Stuart. Et all. A produção social das notícias: o Mugging nos media. In: TRAQUINA, Nelson (org). **Jornalismo: questões, e "estórias"**. Lisboa: Veja, 2ª ed., 1973

HERBOLATO, Mario L. **Técnicas de codificação em jornalismo: redação captação e edição no jornal diário**. São Paulo: Ática, 2008.

LAGE, Leandro Rodrigues. **Elementos de uma Poética Jornalística do Acontecimento: Narrativas do massacre de Realengo em Veja e Folha de S.Paulo**. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2013.

LAGE, Nilson. **A reportagem: teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística**. Rio de Janeiro: Record, 2011.

LOZANO ASCENCIO, C. **La expresión/representación de catástrofes a traves de su divulgación científica em los médios de comunicación social (1986-1991)**. Tese (Doutorado), Universidad Complutense de Madrid, Madrid, 2004.

MAINGUENEAU, Dominique. **Elementos de lingüística para o texto literário**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

MOLOTCH, Harvey; LESTER, Marilyn. **News as purposive behavior: on the strategicus e of routine events, accidents, and scandals**. American Sociological Review, 1974.

MOTTA, Juliana. **Os testemunhos na cobertura ao vivo do incêndio da boate Kiss**. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Universidade Federal de Santa Maria, 2016.

PINTO, M. **“Fontes jornalísticas: contributos para o mapeamento do campo”**. In: Comunicação e Sociedade, 2, Cadernos do Noroeste, Série Comunicação, Vol. 14 (1-2), 2000.

PINTO, Ana Estela de Souza. **Jornalismo diário reflexões, recomendações, dicas e exercícios**. São Paulo: Publifolha, 2009.

ROSSI, Michele. **Fontes como indicadores de qualidade no produto jornalístico: discussão em matérias sobre o conflito na fazenda Buriti nos jornais O Estado e O Progresso**. Dissertação de Mestrado pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação da universidade Federal de Mato Grosso do Sul. 2013.

SANTOS, Juliana Frandalozo Alves. **A Importância do Jornalismo de Qualidade na Redução de Riscos e Desastres**. Razón y Palabra. México, p.9, 2012.

SCHMITZ, Aldo Antonio. **Fontes de notícias: ações e estratégicas das fontes no jornalismo**. Florianópolis: Combook, 2011.

SOUSA, Jorge Pedro. **Elementos de jornalismo impresso**. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 2005.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do Jornalismo - Porque as notícias são como são**. 2. ed. Florianópolis: Insular, 2005.

TORRES, Carla Siome Doyle. PERUZZOLO, Adair Caetano. **Análise discursiva jornalística: produtos do condicionamento social das práticas de enunciação e leitura**. Disciplinarum Scientia, Série: Artes, Letras e Comunicação, Santa Maria, v. 6, n. 1, p. 61-72, 2005.

VALENCIO, Norma(org); Siena, Mariana(org); MARCHEZINI, Vitor(org); GONÇALVES, Juliano Costa. **Sociologia dos Desastres: Construção, Interfaces e Perspectivas no Brasil**. São Carlos : RiMa Editora, 2009.

05/11/2015 17h14 - Atualizado em 21/11/2015 12h41

Barragem se rompe, e enxurrada de lama destrói distrito de Mariana

Acidente foi em Bento Rodrigues e bombeiros confirmam uma morte. Localidade está sendo esvaziada; MP vai investigar causa do acidente.

Do G1 MG



O rompimento da barragem de rejeitos da mineradora **Samarco**, cujos donos são a **Vale** a australiana BHP, causou uma enxurrada de lama que inundou várias casas no distrito de Bento Rodrigues, em Mariana, na Região Central de Minas Gerais, na tarde desta quinta-feira (5).

Inicialmente, a mineradora havia afirmado que duas barragens haviam se rompido, de Fundão e Santarém. No dia 16 de novembro, a Samarco confirmou que apenas a barragem de Fundão se rompeu.

O Corpo de Bombeiros de **Ouro Preto**, que tem equipes no local, confirmou uma morte e 15 desaparecidos até o momento. A vítima seria um homem que teve um mal súbito quando houve o rompimento. A identidade dele ainda não foi divulgada.



[rompimento](#)

[fotos](#)

[cobertura em tempo real](#)

[vídeo: como ficou o distrito](#)

[relatos de moradores](#)

[perguntas e respostas](#)

[infográfico](#)

[mortos e desaparecidos](#)

[antes e depois](#)

[tragédia em números](#)

O diretor do Sindicato dos Trabalhadores na Indústria de Extração de Ferro e Metais Básicos de **Mariana** (Metabase), Valério Vieira dos Santos, afirma que entre 15 e 16 pessoas teriam morrido e 45 estão desaparecidas, mas ainda não há números oficiais de vítimas.

Um dos sobreviventes da tragédia, Andrew Oliveira, que trabalha como sinaleiro na empresa Integral, uma terceirizada da Samarco, disse que, na hora do almoço, houve "um abalo", mas os empregados continuaram trabalhando normalmente.

"Começou a praticamente ter um terremoto", disse sobre o momento que as barragens se romperam. *(veja depoimento abaixo)*

Feridos

Quatro feridos foram levados para o Hospital de Pronto-Socorro João XXIII, em Belo Horizonte, referência em atendimento de urgência. De acordo com a Fhemig, três delas foram levadas de helicóptero e uma de ambulância.

Dentre os feridos está uma criança de 3 anos. Não se sabe se estes feridos estavam internados no hospital de Mariana e foram transferidos. Nesta unidade, quatro feridos tinham sido atendidos.

a vida após a lama

Mais de 200 pessoas da Guarda Municipal, dos bombeiros, das polícias Civil e Militar, da Defesa Civil e da mineradora trabalham nas buscas.



Desabrigados que tiveram que deixar suas casas por causa de rompimento de barragem estão na Arena Mariana (Foto: Lucas Prates/Hoje em Dia/Estadão Conteúdo)

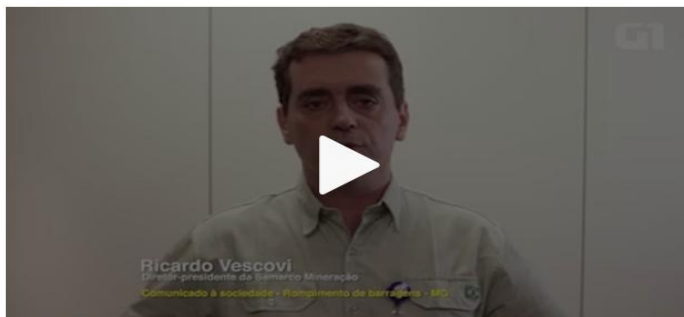
O secretário de Defesa Social de Mariana, Brás Azevedo, disse que a situação no local é muito grave e há riscos de mais desmoronamentos. A orientação para os moradores que deixam Bento Rodrigues é que sigam para o distrito de Camargos, que é mais alto e mais seguro.

Empresa

O diretor-presidente da Samarco, Ricardo Vescovi, em comunicado divulgado no perfil da empresa no Facebook por volta das 23h desta quinta, afirmou que o rompimento ocorreu em duas barragens – e não em uma, como informava nota divulgada pela mineradora no fim da tarde (*Veja a nota no fim da reportagem*). Porém no dia 16 de novembro, a mineradora confirmou o rompimento de uma barragem e não duas.

Segundo Vescovi, romperam-se as barragens de Fundão e Santarém, na unidade industrial de Germano, localizada entre os municípios de Mariana e Ouro Preto – a cerca de 100 km de Belo Horizonte.

O diretor-presidente da empresa diz que o rompimento foi identificado na tarde desta quinta e, imediatamente, foi acionado o plano de ação emergencial de barragens para priorizar o atendimento das pessoas que trabalham no local ou que vivem próximo às barragens. (*veja no vídeo abaixo*)



"Lamentamos profundamente e estamos muito consternados com o acontecido, mas estamos absolutamente mobilizados para conter os danos causados por esse acidente", finalizou.

Resgate

A Prefeitura de Mariana informou que muitas pessoas ainda estão ilhadas, e os acessos por terra estão todos bloqueados. Um helicóptero vai fazer o resgate, porém, a aeronave não pode voar à noite.

Os desabrigados estão sendo levados para a Arena Mariana, que é um complexo esportivo do município. Doações de roupas, água mineral, colchões e produtos de higiene pessoal podem ser entregues no centro de convenções de Mariana, na Rua Juscelino Kubitschek.

Segundo a prefeitura, o distrito de Bento Rodrigues tem cerca de 600 moradores, em 200 imóveis. Mas como outras localidades podem ter sido atingidas pelo mar de lama, a estimativa é de 2 mil pessoas afetadas.

Um vídeo mostra o desespero de moradores pouco depois do rompimento da barragem e a lama a avançando sobre o vilarejo. Assista abaixo:



Segundo a Polícia Militar de Meio Ambiente, a mineradora foi fiscalizada há dois anos e nenhum problema foi encontrado na barragem.

A Secretaria de Estado do Meio Ambiente e de Desenvolvimento Sustentável de **Minas Gerais** (Semad) criou um comitê de crise para cuidar do acidente e uma equipe de emergência foi enviada para o local para avaliar a situação.

De acordo com o Departamento Nacional de Produção Mineral (DNPM), órgão responsável pela fiscalização de barragens de rejeitos, a barragem de Fundão é **considerada de baixo risco**, e o rejeito de minério, inofensivo para a saúde.



Rompimento da barragem de Fundão, em Bento Rodrigues, distrito de Mariana (Foto: Luis Eduardo Franco/TV Globo)

Governo estadual

Quatro helicópteros do governo de Minas Gerais partiram para Bento Rodrigues com grupamentos do Batalhão de Emergências Ambientais e Respostas a Desastres (Bemad).

Em nota oficial, o governador, Fernando Pimentel, disse que recebeu com consternação a notícia do desastre. "A Defesa Civil e outros órgãos competentes estão envidando todos os esforços para prestar os primeiros socorros e todo atendimento necessário à população do distrito, ainda de difícil acesso em razão dos estragos causados pela inundação", diz o texto.

O ministro da Integração Nacional, Gilberto Occhi, informou que vai viajar para Mariana nesta sexta-feira para acompanhar a assistência às vítimas. Unidades do Exército em Belo Horizonte e em São João Del Rei estão de prontidão, caso haja necessidade de ajuda nas buscas por sobreviventes.



Ministério Público

Representantes do Núcleo de Combate aos Crimes Ambientais do Ministério Público Estadual de Minas Gerais estão em Bento Rodrigues e **será instaurado um inquérito civil para apurar as causas do rompimento da barragem**, afirmou o promotor de Justiça do Meio Ambiente, Carlos Eduardo Ferreira Pinto.

Segundo o promotor, a partir desta sexta (6), o MP pretende levantar e identificar as causas do acidente e propor uma ação contra os responsáveis. Ele afirmou que nenhuma barragem se rompe por acaso, mas ressaltou que é prematuro dizer qual é a causa.

NOTA DA SAMARCO DIVULGADA NA TARDE DESTA QUINTA:

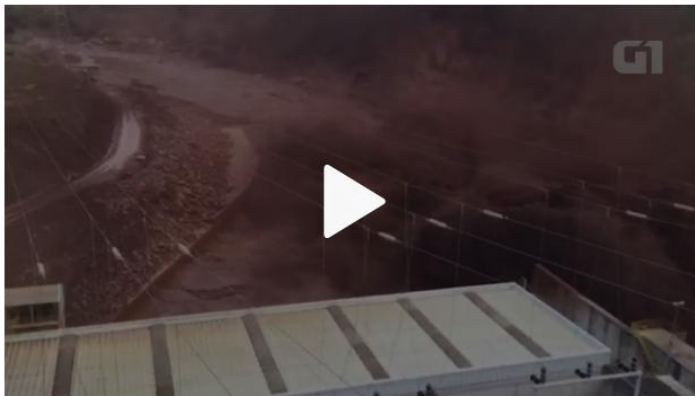
A Samarco informa que houve um rompimento de sua barragem de rejeitos, denominada Fundão, localizada na unidade de Germano, nos municípios de Ouro Preto e Mariana (MG). A organização está mobilizando todos os esforços para priorizar o atendimento às pessoas e a mitigação de danos ao meio ambiente. As autoridades foram devidamente informadas e as equipes responsáveis já estão no local prestando assistência. Não é possível, neste momento, confirmar as causas e extensão do ocorrido, bem como a existência de vítimas. Por questão de segurança, a Samarco reitera a importância de que não haja deslocamentos de pessoas para o local do ocorrido, exceto as equipes envolvidas no atendimento de emergência.

06/11/2015 20h17 - Atualizado em 06/11/2015 21h22

Lama de barragens atinge áreas a até 100 km de distância em MG

Vídeo mostra como rejeitos afetaram vazão de hidrelétrica. Para prefeito de Rio Doce, 'desastre ecológico é ainda incalculável'.

Do G1, em São Paulo



A lama liberada pelo **rompimento de duas barragens** da mineradora Samarco no distrito de Bento Rodrigues, em Mariana, atinge áreas a até 100 km de distância do local do acidente, ocorrido na tarde desta quinta-feira (5).

O rompimento das barragens de Fundão e Santarém **liberou 62 milhões de metros cúbicos de rejeitos**, que inundaram o distrito de Bento Rodrigues. Centenas de pessoas estão desabrigadas, **uma morte foi confirmada** e 13 funcionários da empresa estão desaparecidos.

Um vídeo feito pelo prefeito de **Rio Doce**, Silvério Joaquim da Luz, mostra que a água barrenta foi parar no rio que dá nome a cidade, afetando a Usina Hidrelétrica Risoleta Neves, em Santa Cruz do Escalvado. *(veja no vídeo acima)*



Rompimento de barragens afetou Usina Hidrelétrica Risoleta Neves, em Santa Cruz do Escalvado (Foto: Silvério Joaquim da Luz/Divulgação)

Os rejeitos de mineração atingiram o rio do Carmo, que depois se encontra com o Piranga, formando o Rio Doce – um dos maiores rios do estado, que desagua em Linhares, no litoral do Espírito Santo.

O Serviço Geológico do Brasil emitiu um **alerta de risco de enchentes para três cidades capixabas**, onde a lama deve chegar na segunda-feira (9): Baixo Guandu, Colatina e Linhares.

Impacto ambiental

Para o prefeito de Rio Doce, o "desastre ecológico é ainda incalculável". "Há milhares de peixes mortos, quilômetros de matas ciliares destruídos, lama fétida e outras tantas toneladas de madeira boiando", disse Silvério da Luz.



Lama e rejeitos do rompimento das barragens foram para no rio Doce (Foto: Silvério Joaquim da Luz/Divulgação)

Nesta sexta-feira, o núcleo de emergências do Ibama de Minas Gerais afirmou que a lama liberada pelo rompimento das barragens afetou o leito d'água que passa pela região **por uma extensão de 80 km**. O rio que banha a área é o Rio Gualaxo, que deságua no Rio Doce.



[rompimento](#)

[fotos](#)

[cobertura em tempo real](#)

[vídeo: como ficou o distrito](#)

[relatos de moradores](#)

[perguntas e respostas](#)

[infográfico](#)

[mortos e desaparecidos](#)

[antes e depois](#)

[a tragédia em números](#)

Em entrevista coletiva na tarde desta sexta, o prefeito de **Mariana**, Duarte Júnior, disse que cinco distritos foram atingidos: Águas Claras, Ponte do Grama, Bento Rodrigues, Paracatu e Pedras. A cidade de Barra Longa, a 70 km de Bento Rodrigues, também foi atingida pela lama.

Vítimas

A única morte já confirmada é de Claudio Fiuzza, de 40 anos, empregado de uma empresa terceirizada da **Samarco** e que teve um mal súbito quando as barragens romperam.

Um corpo foi encontrado em Rio Doce, a 100 km das barragens, mas ainda não foi confirmado se é mais uma vítima do acidente.

Quatro feridos foram identificados, duas crianças e dois adultos. As crianças são Kaique Monteiro, de 2 anos, e Nicolas Webster, de 3. Os adultos foram identificados como Priscila Monteiro, cuja idade não foi divulgada, e Wesley Isabel, de 23 anos. Eles seriam moradores da região de Bento Rodrigues.

Mais de 200 pessoas da Guarda Municipal, dos bombeiros, das polícias Civil e Militar, da Defesa Civil e da mineradora trabalham nas buscas. **Centenas de pessoas que estavam ilhadas em Bento Rodrigues já foram resgatadas.**

a vida após a lama

Coletiva

Na coletiva desta tarde, o diretor-presidente da



Samarco, Ricardo Vescovi, disse que entre os 13 desaparecidos, 12 são funcionários de empresas terceirizadas que trabalhavam na barragem de Fundão, que se rompeu por volta das 15h deste quinta. Em seguida, barragem de Santarém também cedeu.

Segundo Vescovi, há uma lista com os nomes dos desaparecidos, mas ela ainda não será divulgada. "Esta é a pior crise da nossa história", afirmou. "Não avaliamos a extensão do prejuízo". A empresa prometeu arcar com as despesas dos desabrigados.

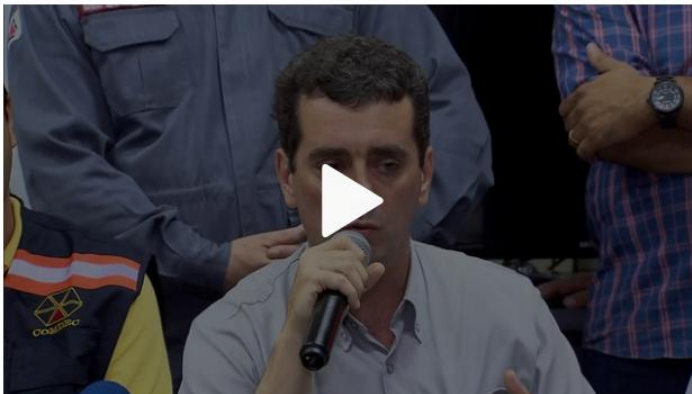
A barragem de Santarém estava no limite da sua capacidade: 7 milhões de metros cúbicos. A de Fundão estava com 55 milhões de metros cúbicos, dos 60 milhões de capacidade total.

Tremor

O engenheiro civil Germano Silva Lopes, que coordena o plano de ações emergenciais na Samarco, disse que por volta das 14h desta quinta-feira foi sentido um tremor de terra e que, imediatamente, uma equipe verificou a barragem de Fundão.

Segundo ele, na ocasião **não foi constatado nenhum problema**. Depois de algum tempo, começou a ruptura das estruturas.

Segundo o diretor-presidente da Samarco, as operações da mina de Germano estão completamente suspensas onde ficava a barragem de Fundão. A prioridade é o atendimento às vítimas, afirmou.



Fiscalização

Na coletiva, Vescovi disse ainda que as barragens foram vistoriadas por autoridades ambientais em julho de 2015, e os laudos foram emitidos em setembro. Nesta quinta, a Polícia Militar de Meio Ambiente havia informado que a mineradora foi fiscalizada há dois anos e nenhum problema foi encontrado na barragem.

A Secretaria de Estado do Meio Ambiente e de Desenvolvimento Sustentável de Minas Gerais (Semad) criou um comitê de crise para cuidar do acidente e uma equipe de emergência foi enviada para o local para avaliar a situação.

De acordo com o Departamento Nacional de Produção Mineral (DNPM), órgão responsável pela fiscalização de barragens de rejeitos, a barragem de Fundão é considerada de baixo risco, e o rejeito de minério, inofensivo para a saúde.

O Ministério Público de Minas Gerais **instaurou um inquérito civil** para apurar as causas do rompimento das barragens.

07/11/2015 16h58 - Atualizado em 07/11/2015 18h12

Lama de barragens de Mariana chega ao Rio Doce, no Leste de Minas

Nível do rio deve subir dois metros, segundo polícia.
Impacto ambiental é imensurável, diz Polícia Militar Ambiental.

Do G1 Vales de Minas Gerais



Nível do rio subiu cerca de dois metros entre Santana do Paraíso e Caratinga (Foto: Wilkson Tarres/G1)

Moradores do Leste de Minas Gerais começaram a sentir os primeiros impactos ambientais, provocados pelo **rompimento de duas barragens da mineradora Samarco**, na quinta-feira (5), no distrito de Bento Rodrigues, em Mariana (MG). Na manhã deste sábado (7) por volta de 11h ela chegou no Rio Doce no distrito de Cava Grande, em Mariéira, e cerca de duas horas depois atingiu a divisa entre os municípios de Santana do Paraíso e Caratinga.



Na ponte metálica, na BR-458, pessoas que passavam para o local pararam para observar a elevação do nível do rio causado pela lama.

DESASTRE AMBIENTAL

Barragem se rompe em Mariana, MG

rompimento

fotos

cobertura em tempo real

vídeo: como ficou o distrito

relatos de moradores

perguntas e respostas

infográfico

mortos e desaparecidos

antes e depois

a tragédia em números

como ajudar

a vida após a lama

A Polícia Militar Ambiental esteve no local e fez a medição do rio que subiu pelo menos um metro e meio. O tenente Átila Porto afirmou que os militares estão acompanhando os impactos, e enviarão um relatório sobre os danos para Belo Horizonte. "O impacto ambiental é imensurável. Estamos no período da piracema, o que vai trazer um prejuízo muito grande na reprodução dos peixes, além de outros danos. Estamos confeccionando os boletins de ocorrência que serão enviados ao Ministério Público (MP) em Belo Horizonte, para que a empresa seja responsabilizada pelos danos causados no Vale do Aço", diz.

A presidente da Câmara Técnica de Gestão de Eventos Críticos (CTGEC), Lucinha Teixeira, esteve no local e declarou que ainda não sabe se haverá inundação na região. Somente no final da tarde deste sábado (7), a CPRM divulgará as informações sobre os riscos. "A orientação que está sendo dada aos municípios por meio do Comitê das Bacias do Rio Doce é que durante esta onda estiver passando pelas municípios, a captação de água sejam suspensas e só retomem as atividades depois de análises desta água que garantirem que ela é potável", pontua.

Ela diz que ainda não sabe o tempo que levará para analisar a água e orientou os municípios a captarem a água antes de serem afetadas. "O tempo para retornar a captação só saberemos depois das análises, podendo durar horas, dias, mas ainda não podemos afirmar o tempo. A orientação é que os municípios que ainda não foram atingidos, captem água e reservem para tentar evitar o desabastecimento", pontua.

Lucinha Teixeira descartou que o Rio Piracicaba seja atingido pela lama e disse que os rios atingidos são o Gualaxo, Parte do Piranga e o Rio Doce.



Pessoas se aglomeraram na ponte para ver a elevação do nível do rio (Foto: Wilkson Tarres/G1)

08/11/2015 11h56 - Atualizado em 08/11/2015 17h01

Difícil trabalhadores de barragem terem sobrevivido, diz governador

13 funcionários ainda não foram encontrados, além de 15 moradores. 'Nós vamos encontrar gente viva, se Deus quiser', diz chefe dos bombeiros.

Raquel Freitas
Do G1 MG, em Mariana



O governador **Fernando Pimentel** disse neste domingo (8) que é difícil os trabalhadores das barragens que romperam na quinta-feira (5), e estão ainda desaparecidos, serem encontrados com vida. Segundo ele, o estado tem um número grande de barragens, em torno de 730.

As barragens do Fundão e de Santarém, da mineradora **Samarco**, se romperam despejando 62 milhões de metros cúbicos de rejeito de minério e água. Uma morte foi confirmada e há 28 desaparecidos, entre eles 13 funcionários e 15 moradores do distrito de Bento Rodrigues, em Mariana, na região central de **Minas Gerais**.

"É um desastre, uma tragédia de grande extensão", falou Fernando Pimentel. "Uma perda de vida humana já seria irreparável, imagina 28", afirmou Pimentel.

O comandante-geral do Corpo de Bombeiros de Minas Gerais, coronel Luiz Henrique Gualberto, que coordena as buscas, salientou em seguida que, "em nenhum momento, vamos trabalhar com hipótese de corpos". Treze viaturas dos bombeiros e 7 helicópteros atuam nos trabalhos.

"Nós vamos encontrar gente viva, se Deus quiser", disse Gualberto.



[rompimento](#)

[fotos](#)

[cobertura em tempo real](#)

[vídeo: como ficou o distrito](#)

[relatos de moradores](#)

[perguntas e respostas](#)

[infográfico](#)

[mortos e desaparecidos](#)

[antes e depois](#)

[a tragédia em números](#)

[como ajudar](#)

[a vida após a lama](#)

Segundo o governador, a barragem de Fundão, uma das envolvidas na tragédia, tinha passado por auditoria externa que não foi suficiente para identificar o risco de rompimento. A barragem estava licenciada regularmente e não há nenhuma falha aparente neste aspecto.

Pimentel afirmou que "os 13 desaparecidos na barragem [os trabalhadores] dificilmente vão ser encontrados com vida". Ele admitiu que é importante reconhecer a dimensão da tragédia.

O governador disse ainda que é preciso melhorar os protocolos de emergência, com a exigência dos alarmes sonoros, que não são obrigatórios na legislação vigente.

De acordo com a Samarco, 557 desabrigados estão hospedados em hotéis com custos pagos pela mineradora. Conforme o governador, a empresa está empenhada em tudo o que foi solicitado, fornecendo máquinas, alojamento e suprimentos em **Mariana**.

Uma grande equipe de veterinários está fazendo o resgate de animais em áreas isoladas, explicou o governador. Ainda não há como calcular os custos da operação montada em Mariana por todos os órgãos estaduais, acrescentou ele.

Ainda não há evidências sobre as causas do rompimento das barragens de Fundão e Santarém, da Samarco Mineração, disse Pimentel.



mostrou alterações, segundo Regiane.



características da água bruta, por tempo indeterminável neste momento", afirmou a agência. A captação deve ser retomada somente "a partir da melhoria das características físico-químicas da água, considerando suas possibilidades de potabilização" e não há como prever quanto tempo deve durar a interrupção.

Prefeito sofre princípio de infarto

O prefeito de Mariana, Duarte Júnior, de 35 anos, sofreu um princípio de infarto na manhã deste domingo (8) e está internado no Hospital Monsenhor Horta. De acordo com a mulher dele, Regiane Oliveira, ele está sem dormir desde o rompimento das barragens e, nesta madrugada, ficou muito preocupado com uma forte chuva que caiu no município.

O primeiro exame do coração apontou o princípio de infarto, mas o segundo já não

Sistemas de abastecimento

A Agência Nacional de Águas (ANA) recomendou que os sistemas de abastecimento interrompam a captação das águas afetadas pela lama liberada pelo rompimento de barragens de rejeitos de mineração no distrito de Bento Rodrigues, em Mariana.

"A natureza do resíduo em questão implica em grandes alterações temporárias das

Escolas estaduais suspendem aulas em Baixo Guandu e Colatina

Fornecimento de água será suspenso nestas cidades. Cidades vão ser afetadas por lama de barragens da Samarco.

Do G1 ES



Por causa das dificuldades no abastecimento de água nos municípios de Baixo Guandu e Colatina, a Secretaria de Estado da Educação (Sedu) suspendeu as aulas em 12 escolas estaduais, a partir desta segunda-feira (9).

Das 16 escolas dos municípios, somente quatro terão as atividades mantidas, pois o abastecimento de água não é realizado pelo Rio Doce. As quatro escolas são: EEEM Rodrigo Cesar Proeschodt e EEEM Maria Helena Stein Merlo, de Baixo Guandu, e ECOR de Colatina e EEEM Antônio Eugênio Rosa, de Colatina.

Orientação

Nesta segunda-feira (9), as escolas estaduais estão abertas para receber os alunos e suas famílias, com objetivo de orientar sobre a suspensão das aulas nos municípios de Baixo Guandu e Colatina.

Confira a lista das Escolas Estaduais com aulas suspensas:

BAIXO GUANDU

EEEF Brasil

EEEEFM Dr. Jones dos Santos Neves

EEEEFM José Damasceno Filho

COLATINA

EEEF Aristides Freire

EEEEFM Lions Club de Colatina

EEEEFM Prof. Néa Monteiro Costa

EEEEFM Conde de Linhares

EEEEFM Geraldo Vargas Nogueira

EEEEFM Honório Fraga

EEEEFM Prof. Carolina Pichler

EEEEFM Rubens Rangel

CEEJA Pedro Antonio Vitali

Confira a lista das Escolas Estaduais com aulas mantidas:

BAIXO GUANDU

EEEM Rodrigo Cesar Proeschodt

EEEM Maria Helena Stein Merlo

COLATINA

ECOR de Colatina

EEEM Antônio Eugênio Rosa

Foz

A 'Boca da Barra' começou a ser aberta na manhã desta segunda-feira (9) no distrito de Regência, em Linhares, região Norte do Espírito Santo. O local, ponto onde as águas do Rio Doce desaguardam no mar, estava fechado por bancos de areia devido a estiagem de chuvas no estado. A ação tem por objetivo dar vazão à lama, resultado do rompimento da barragem de Bento Rodrigues em Minas Gerais.



[rompimento](#)

[fotos](#)

[cobertura em tempo real](#)

[vídeo: como ficou o distrito](#)

[relatos de moradores](#)

[perguntas e respostas](#)

[infográfico](#)

[mortos e desaparecidos](#)

[antes e depois](#)

[a tragédia em números](#)

[como ajudar](#)

[a vida após a lama](#)

O rompimento de duas barragens de rejeitos da mineradora **Samarco** aconteceu na quinta-feira (5) e causou uma enxurrada de lama no distrito de Bento Rodrigues, em **Mariana**, na Região Central de Minas Gerais. A lama também chegará ao **Espírito Santo**.

Uma caminho de 70 metros formado por areia separa o rio do mar. Os trabalhos na foz começaram por volta das 8h com uma retroescavadeira, e devem durar o dia todo. A Prefeitura de **Linhares** informou que outra máquina, do mesmo tipo, está sendo dirigida ao local para ajudar na ação.

Técnicos do órgão disseram que o acesso não será liberado de uma só vez porque a força da maré, que é mais forte que a do rio, ameaça fechar novamente o canal. Assim, uma parte da 'Boca da Barra' ainda ficará fechada até que a lama chegue e dê força suficientes para que as água do Rio Jucu levem todos os trejeitos para o mar.

Abastecimento

O **abastecimento de água tratada na cidade de Colatina, no Noroeste do Espírito Santo**, vai ser fornecido pelo município de Linhares, na região Norte, segundo informou, nesta segunda-feira (9), o prefeito de Colatina, Leonardo Deptulski. Após a passagem dos rejeitos vindos do rompimento da barragem em Mariana, Minas Gerais, carros-pipa irão buscar a água tratada para abastecer hospitais, asilos, abrigos e presídios.

De acordo com o prefeito, as equipes que vão realizar o transporte estiveram no local de captação e já acertaram a parte operacional.

"Acho que vai ser possível manter entre 20% e 30% do que a gente trata normalmente quando capta no Rio Doce", falou Deptulski.

Ainda não há uma previsão do tempo que o município de Colatina vai ter o abastecimento suspenso. "A primeira cidade que passou por isso foi Governador Valadares e nós ainda não sabemos o que aconteceu. Em Ipatinga, onde houve análise, a qualidade da água piorou. Se essa tendência se confirmar, vamos ficar entre 24 e 48 horas com o risco de não tratar", destacou o prefeito.

Apesar disso, as duas barragens existentes no percurso da lama podem reduzir o tempo de suspensão do abastecimento. "Passando pelas barragens, diminui a concentração de partícula. Assim que a mancha de lama estiver mais próxima, nós já vamos coletar amostra para fazer análise e, a partir daí, é que nós vamos dizer se vamos continuar tratando a água ou não", falou Deptulski.



Defesa Civil retira comunidades ribeirinhas do Rio Doce, no Espírito Santo (Foto: Divulgação/Defesa Civil)

Reservatórios

Moradores do município de Baixo Guandu, por onde a lama também vai passar, começaram a se prevenir com reservatórios de água. Sem caixa d'água em casa, o jeito foi improvisar uma piscina com quase 5 mil litros no quintal.

"Nem todo mundo tem condições de ficar comprando água. Aqui e na outra casa não tem caixa d'água, então a gente tomou a iniciativa de encher a piscina para não ficar sem", falou a dona de casa Jéssica Gomes.

Segundo o diretor do Serviço Autônomo de Água e Esgoto (Saae) de Baixo Guandu, Luciano Magalhães, o abastecimento vai ser interrompido para análise.

"Vamos esperar pelo menos aquela primeira água mais densa passar, para, aí sim, com a água toda normal, dentro dos parâmetros, a gente volta a tratar. O importante é armazenar o máximo que der e economizar, porque, pelo menos, durante essas 48 horas, a gente não tem previsão de retomar a captação", afirmou.

Doação de água

Por conta da suspensão do abastecimento de água em Baixo Guandu e Colatina em decorrência da onda de rejeitos das barragens de Mariana, em Minas Gerais, o governo do Espírito Santo anunciou neste domingo (8) uma **campanha de doação de água mineral para auxiliar os moradores das cidades que serão afetadas**.

As doações deverão ser feitas a partir desta segunda-feira (9) diretamente no quartel do Corpo de Bombeiros Militar, situado na rua tenente Mário Francisco de Brito, na Enseada do Suá, em Vitória.

As empresas que quiserem ajudar com carros-pipa devem entrar em contato com a Defesa Civil, pelo telefone 9 9904-5736.

Comunidades ribeirinhas

A Defesa Civil realizou, neste domingo (8), uma **ação para retirar pescadores, banhistas e moradores das comunidades próximas ao Rio Doce**, em Baixo Guandu e Colatina.

Segundo a Defesa Civil, a prioridade é resguardar a população que pode sofrer com o aumento da vazão do Rio Doce. O órgão atua ainda no monitoramento e em ações para a chegada da onda de rejeitos.



Mais uma escavadeira será enviada ao local (Foto: Kaio Henrique/ TV Gazeta Norte)

Água do Rio Doce fica mais escura e indica que lama está perto do ES

Por volta de 5h, moradores começaram a chegar na ponte sobre o rio. Abastecimento foi suspenso por algumas horas com a chegada da água.

Viviane Machado
Do G1 ES, em Baixo Guandu



Rio Doce apresenta água turva em Baixo Guandu (Foto: Viviane Machado/ G1)

Um grupo de moradores de **Baixo Guandu**, na região Noroeste do Espírito Santo, aguarda a chegada da lama vinda do rompimento da barragem de Mariana, em Minas Gerais, nesta terça-feira (10). Por volta das 5h, alguns moradores começaram a chegar na ponte sobre o Rio Doce, no município. De acordo com o Serviço Autônomo de Água e Esgoto (Saae), a água turva, que vem antes da lama, chegou ao município por volta das 22h desta segunda-feira (9).

O diretor do Saae, Luciano Magalhaes, explicou que o abastecimento foi suspenso por algumas horas com a chegada da água turva, mas como não apresentava riscos, o abastecimento voltou ao normal. O Saae espera a chegada dos rejeitos para poder suspender o abastecimento. Com a água turva, o nível do rio aumentou entre 30 e 40 cm, segundo o Saae.

O rompimento de duas barragens de rejeitos aconteceu na quinta-feira (5) e causou uma enxurrada de lama no distrito de Bento Rodrigues, em Mariana, na Região Central de Minas Gerais. A lama também chegará ao Espírito Santo e deve afetar o abastecimento de água de municípios.



Técnicos fazem coleta da água do Rio Doce (Foto: Viviane Machado/ G1)

Monitoramento

Uma empresa contratada pela Samarco, responsável pela barragem que rompeu em Mariana, está coletando amostras ao longo do Rio Doce no **Espirito Santo**. Eles estão medindo a qualidade da água antes e depois da chegada dos rejeitos. À reportagem eles disseram que não estão autorizados a falar mais sobre os trabalhos.



Dona Angelina mora à beira do Rio Doce (Foto: Viviane Machado/ G1)

Moradores

Dona Angelina mora à beira do Rio Doce, em Baixo Guandu. A aposentada está preocupada com o impacto dos rejeitos na fauna e flora local.

"A maior preocupação é com a fauna, flora, os pescadores que vivem da pesca. Os peixes estão morrendo tudo, como vão viver. Está acabando tudo por onde passa, pelo que vi na internet. E quem vai ser responsabilizado por isso?", questionou Angelina.

A funcionária pública Valdete Malini foi cedo, nesta terça-feira (10), acompanhar a situação

do Rio Doce. Ela mora nas proximidades do rio e tem acompanhado apreensiva a chegada dos rejeitos.

"Eu esperava encontrar muita sujeira, mas fico aliviada de não encontrar tão suja. Vim desde cedo porque estou preocupada", disse Valdete Malini.



Valdete Malini foi cedo acompanhar a situação do Rio Doce (Foto: Viviane Machado/ G1)

A notícia preocupou os moradores, que se reuniram na ponte para esperar a chegada da lama nesta segunda-feira (9).

"Vim com um pouco de preocupação e um pouco de curiosidade. Como a gente reage para esperar essa lama? Ninguém sabe como ela virá, se forte ou fraca", falou a dona de casa Leidiane Monteiro.

O gari João Batista Barcelos também foi atraído pela curiosidade. "Quero ver se ela vai causar algum dano mesmo", disse.

Perigo

Para o prefeito Neto Barros, não há perigo de os moradores ficarem no local. "Eles têm costume de ficar ali quando tem enchente, ficam sempre acompanhando. A Polícia Militar está no local também, para monitorar", disse.



[rompimento](#)

[fotos](#)

[cobertura em tempo real](#)

[vídeo: como ficou o distrito](#)

[relatos de moradores](#)

[perguntas e respostas](#)

[infográfico](#)

[mortos e desaparecidos](#)

[antes e depois](#)

[a tragédia em números](#)

[como ajudar](#)

[a vida após a lama](#)

No município, a população já vem se preparando para a situação, já que o abastecimento de água será interrompido para análise assim que a lama de rejeitos chegar ao rio que abastece a cidade. Moradores têm feito armazenamento principalmente em caixas d'água extras, piscinas e estoque de galões de água mineral.

"Nosso estoque de caixas d'água acabou desde sábado. Vendemos tudo", disse o vendedor Wesley Milagre.

Samarco tem que distribuir água e monitorar rio

O Instituto Estadual de Meio Ambiente e Recursos Hídricos (IEMA) informou, nesta segunda-feira (9), **que a mineradora Samarco tem que distribuir água aos moradores e monitorar o rio**, em função dos impactos ambientais e socioeconômicos que serão causados no Espírito Santo pela lama de rejeitos que atingiu o Rio Doce.

A determinação do Instituto é para que a empresa promova todo o apoio necessário aos municípios e aos cidadãos capixabas que forem atingidos pela onda de lama. Para isso, a mineradora deverá realizar ações que minimizem os impactos ambientais decorrentes da impossibilidade do tratamento de água nos locais afetados pelos rejeitos, assim como pelo comprometimento de outros usos que são feitos do Rio Doce como agricultura e a pesca.

Em nota, a **Samarco** informou que está atenta a qualquer repercussão no Espírito Santo e em constante contato com as autoridades

competentes. A empresa disse que está tomando todas as providências possíveis para mitigar os impactos ambientais gerados e, em caso de necessidade, auxiliar prefeituras e as comunidades em eventuais ocorrências.



"A coleta de amostras de água nos trechos impactados já foi iniciada e terá continuidade até a normalização da situação. É importante mencionar que a empresa está, no momento, concentrando seus esforços no atendimento às pessoas atingidas", diz a nota.

As operações da empresa na Unidade de Germano/Minas Gerais já estão paralisadas. Na Unidade de Ubu, em Anchieta/Espírito Santo, as operações industriais serão paralisadas ao final dos estoques de minério, bem como as operações de embarque, que serão interrompidas ao término dos estoques de produtos.

Governador sobrevoa região

O governador Paulo Hartung sobrevoou a região Noroeste do estado na manhã desta segunda, de onde coordena as ações que buscam amenizar os impactos dos rejeitos.



"A nossa equipe de governo e as equipes das prefeituras vêm trabalhando de uma maneira coordenada, com todos os setores, como Defesa Civil e o setor de água. Nós unimos os técnicos da Cesan e os técnicos dos SAAEs na região do [Rio] Doce. Esse trabalho tem o intuito de amortecer o impacto no ponto de vista da população naquilo que está ao nosso alcance, infelizmente tem muita coisa que não está, numa tragédia como essa", explicou Hartung.

O governo trabalha com a possibilidade de suspensão do abastecimento de água por tempo indeterminado em Baixo Guandu e Colatina. Equipes de análise monitoram a qualidade da água do Rio Doce e caso seja constatada imprópria para consumo, o abastecimento será interrompido imediatamente.

Governo federal

O ministro da Integração Nacional, Gilberto Occhi, colocou à disposição do governo do Espírito Santo as ações federais para enfrentar a chegada ao estado dos rejeitos de mineração provenientes do rompimento das barragens em **Mariana**.

O ministro estará nesta terça-feira (10) com o governador Paulo Hartung, para tratar apoio federal nas ações de assistência à população das cidades atingidas.

A Secretaria Nacional de Proteção e Defesa Civil do Ministério da Integração Nacional, a Agência Nacional de Águas (ANA) e o Serviço Geológico do Brasil (CPRM) estão desenvolvendo ações de apoio ao estado em coordenação com os órgãos locais.



Doações

Segundo o governo do estado, órgãos públicos e empresas privadas **já doaram um total de 60 carros-pipa**. Até a tarde desta segunda, cerca de 700 litros de água haviam sido doados em Vitória, de acordo com os bombeiros.

As doações devem ser feitas no quartel do Corpo de Bombeiros Militar, situado na rua tenente Mário Francisco de Brito, na

Enseada do Suã, em Vitória.

Outro ponto de doação na capital é a Defesa Civil Municipal, que fica na Avenida Nossa Senhora dos Navegantes, 225, Edifício Tucumã, na Praia do Suã.

Em Colatina, as pessoas podem doar no antigo Restaurante Popular, próximo ao 8º Batalhão da PM. Já em Baixo Guandu, quem quiser doar pode procurar a Companhia da PM, no bairro Sapucaia.

As empresas que quiserem ajudar com carros-pipa devem entrar em contato com a Defesa Civil, pelo telefone (27) 9 9904-5736.



Doação de água mobiliza população no Noroeste do estado (Foto: Reprodução/ TV Gazeta)

Monitoramento

O secretário de Estado do Meio Ambiente, Rodrigo Júdice, ressaltou as medidas tomadas pelo Instituto Estadual de Meio Ambiente e Recursos Hídricos (IEMA) com relação aos impactos ambientais e sociais que serão causados pela chegada da lama.

“Com relação aos danos ambientais, eles são inevitáveis. Nós temos que monitorar a qualidade da água. Este monitoramento já está sendo feito pela própria empresa e a Cesan também está fazendo este monitoramento. Já entramos em contato com o órgão ambiental que licenciou a barragem no estado de **Minas Gerais** para analisar os produtos que são manuseados pela empresa e fazer a confrontação com o material que vai ser coletado no rio”, explicou.

Uma equipe da Fiscalização do IEMA está em Colatina de plantão desde sábado (7) para acompanhar os impactos ambientais causados pela chegada da lama no Espírito Santo. Além disso, a Secretaria Estadual de Meio Ambiente e Recursos Hídricos (Seama) e também o Instituto estão em contato com os órgãos ambientais de Minas Gerais para trocar experiências e atualizar informações.

Além dos monitoramentos realizados pela Cesan e pela Samarco, o IEMA está contratando uma empresa especializada para promover coletas para análise com o intuito de produzir contranálises. As coletas realizadas pela Samarco estão sendo acompanhadas por fiscais do Instituto. Outra ação do órgão é buscar parceria com a academia no intuito de intensificar o monitoramento no mar.

Ministério Público

O Ministério Público do Espírito Santo (MPES), por meio do Centro de Apoio Operacional da Defesa do Meio Ambiente (Caoa) e das Promotorias de Justiça dos municípios afetados, informou que instaurou nesta segunda-feira (9) um inquérito civil para apurar as consequências e os impactos sociais e ambientais provocados em municípios capixabas.

Uma equipe técnica do MPES foi para Colatina para monitorar e avaliar os efeitos da lama na água do Rio Doce.

O Ministério informou também que realizou, nesta segunda, uma reunião preliminar com a Samarco para discutir o assunto. A reunião será retomada nesta terça-feira (10) e, na ocasião, a mineradora deverá apresentar ao MPES um plano concreto de ações emergenciais e um plano de abastecimento de água para os municípios de Baixo Guandu e Colatina.

Abastecimento

O **abastecimento de água tratada na cidade de Colatina, no Noroeste do Espírito Santo**, vai ser fornecido pelo município de Linhares, na região Norte, segundo informou, nesta segunda-feira (9), o prefeito de Colatina, Leonardo Deptulski. Após a passagem dos rejeitos vindos do rompimento da barragem em Mariana, Minas Gerais, carros-pipa irão buscar a água tratada para abastecer hospitais, asilos, abrigos e presídios.

De acordo com o prefeito, as equipes que vão realizar o transporte estiveram no local de captação e já acertaram a parte operacional. "Acho que vai ser possível manter entre 20% e 30% do que a gente trata normalmente quando capta no Rio Doce", falou Deptulski.

Ainda não há uma previsão do tempo que o município de Colatina vai ter o abastecimento suspenso. "A primeira cidade que passou por isso foi Governador Valadares e nós ainda não sabemos o que aconteceu. Em Ipatinga, onde houve análise, a qualidade da água piorou. Se essa tendência se confirmar, vamos ficar entre 24 e 48 horas com o risco de não tratar", destacou o prefeito.

Apesar disso, as duas barragens existentes no percurso da lama podem reduzir o tempo de suspensão do abastecimento. "Passando pelas barragens, diminui a concentração de partícula. Assim que a mancha de lama estiver mais próxima, nós já vamos coletar amostra para fazer análise e, a partir daí, é que nós vamos dizer se vamos continuar tratando a água ou não", falou Deptulski.



Defesa Civil retira comunidades ribeirinhas do Rio Doce, no Espírito Santo (Foto: Divulgação/Defesa Civil)

Reservatórios

Moradores do município de Baixo Guandu, por onde a lama também vai passar, começaram a se prevenir com reservatórios de água. Sem caixa d'água em casa, o jeito foi improvisar uma piscina com quase 5 mil litros no quintal.

"Nem todo mundo tem condições de ficar comprando água. Aqui e na outra casa não tem caixa d'água, então a gente tomou a iniciativa de encher a piscina para não ficar sem", falou a dona de casa Jéssica Gomes.

Segundo o diretor do Serviço Autônomo de Água e Esgoto (Saae) de Baixo Guandu, Luciano Magalhães, o abastecimento vai ser interrompido para análise.

"Vamos esperar pelo menos aquela primeira água mais densa passar, para, aí sim, com a água toda normal, dentro dos parâmetros, a gente volta a tratar. O importante é armazenar o máximo que der e economizar, porque, pelo menos, durante essas 48 horas, a gente não tem previsão de retomar a captação", afirmou.

Comunidades ribeirinhas

A Defesa Civil realizou, neste domingo (8), uma **ação para retirar pescadores, banhistas e moradores das comunidades próximas ao Rio Doce**, em Baixo Guandu e Colatina.

Segundo a Defesa Civil, a prioridade é resguardar a população que pode sofrer com o aumento da vazão do Rio Doce. O órgão atua ainda no monitoramento e em ações para a chegada da onda de rejeitos.



Mais uma escavadeira será enviada ao local (Foto: Kaio Henrique/ TV Gazeta Norte)

tópicos: Baixo Guandu, Espírito Santo, Linhares, Mariana, Minas Gerais, Samarco

11/11/2015 19h15 - Atualizado em 11/11/2015 23h11

Governo do ES diz que Samarco não cumpriu exigências e aciona a Justiça

Mineradora não apresentou Plano de Fornecimento de Água, por exemplo. Samarco deverá ser multada pelo não cumprimento.

Naiara Arpini
Do G1 ES



O Governo do Estado do Espírito Santo ajuizou uma ação cautelar contra a **Samarco** pelo não cumprimento de alguns autos da intimação enviada à empresa pelo Instituto de Meio Ambiente e Recursos Hídricos (IEMA) no domingo (8). A mineradora deveria apresentar, em caráter emergencial, um plano de fornecimento de água potável às áreas atingidas e um plano de mitigação dos efeitos à fauna e à flora nas regiões afetadas, o que não foi feito. Por conta disso, a Samarco deverá ser multada.

A ação foi protocolada na Vara dos Feitos da Fazenda Pública Estadual, de Registros Públicos e do Meio Ambiente da Comarca de Colatina.



Água turva pelo início da chegada dos rejeitos, na região Noroeste do ES (Foto: Reprodução/ TV Gazeta)

"Vendo a situação de Governador Valadares, e a possibilidade de não captação de água em Baixo Guandu e Colatina, entendemos ser necessário acionar a Justiça. A empresa pode ser multada, já que não cumpriu na integralidade o que nós exigimos", explicou o Secretário Estadual de Meio Ambiente, Rodrigo Júdice.

Entre as exigências feitas pelo governo, também estava a distribuição de água potável para consumo humano e animal; monitoramento da qualidade da água do **Rio Doce** e também do mar a ser atingido pela lama e a disponibilização de uma aeronave

para sobrevoo dos profissionais envolvidos nas ações preventivas e de mitigação da onda de rejeitos. De acordo com a Secretaria, essas ações estão sendo efetuadas pela Samarco.

Mas, segundo o Procurador-geral do Estado, Rodrigo Rabello, tais medidas não foram suficientes. "Não percebemos nenhuma atitude de maior relevância por parte da empresa, então decidimos propor uma ação cautelar para que o juiz avalie isso em caráter preventivo", disse.

Na ação protocolada na Justiça, o governo pede que a mineradora cumpra as seguintes exigências: distribuição de água para consumo humano e animal em caso de desabastecimento das cidades; elaboração de um plano de comunicação; promoção de todo apoio ao município e à população capixaba atingida pela lama e resgate e remanejamento da fauna aquática por meio de equipes especializadas.

Se tais medidas também forem descumpridas pela Samarco, o juiz responsável deverá fixar uma multa a ser paga pela mineradora. "O valor da multa ficará a livre arbítrio do juiz", completou Rabello.

A Samarco informou que até o momento não foi notificada por nenhum descumprimento. Disse ainda que está tomando todas as providências para diminuir as consequências geradas pelo avanço da lama no Rio Doce.

Mais cedo, nesta quarta-feira, a Vale e a mineradora australiana BHP, que são donas da Samarco, se comprometeram a criar um fundo para ajudar vítimas e recuperar o meio ambiente.



DESASTRE AMBIENTAL

Barragem se rompe em Mariana, MG

rompimento

fotos

cobertura em tempo real

video: como ficou o distrito

relatos de moradores

perguntas e respostas

infográfico

mortos e desaparecidos

antes e depois

a tragédia em números

a vida após a lama

Nova intimação

Independente da ação cautelar ajuizada contra a Samarco, o Instituto Estadual de Meio Ambiente e Recursos Hídricos (IEMA) enviou à empresa um novo auto de intimação. Desta vez, exigindo a instalação de um modelo de governança, fornecendo estrutura de suporte às instituições integrantes, para a gestão das consequências causadas em função da onda de lama.

Este modelo de governança deve incluir representantes do Comitê do Doce, do Consórcio Guandu, da Deefesa Civil municipal e estadual, das prefeituras de Baixo Guandu, Colatina e Linhares, da Agência Estadual das Águas (Agerh), entre outras instituições a serem identificadas.

Este grupo deverá acompanhar as seguintes ações: identificar os principais usos da água e as atividades econômicas da Bacia do Rio Doce; fazer a avaliação de risco à saúde humana e executar Plano de Comunicação.

Após a passagem dos rejeitos, a empresa deve providenciar também a limpeza de toda a área afetada pela lama, enquanto for verificada a presença de poluente. O lema determina que a empresa apresente um Plano de Monitoramento da persistência dos poluentes nos meios atingidos em até 120 dias, assim como um Plano de Reparação Inicial dos danos no prazo de 30 dias.

Nível do Rio Doce

O nível do Rio Doce em Colatina, no Noroeste do Espírito Santo, **caiu mais de 40 centímetros de um dia para o outro, após a passagem da onda de cheia**, que antecede a lama proveniente das barragens de rejeitos rompidas em Mariana, Minas Gerais. Nesta terça-feira (10), o rio estava em 173 centímetros e, nesta quarta (11), apontava 130 centímetros na régua da Agência Nacional das Águas.

Segundo o boletim emitido pelo Serviço Geológico do Brasil (CPRM), a onda de lama deve chegar a Baixo Guandu, nesta sexta-feira (13). Já em Colatina, a previsão é que chegue entre o sábado (14) e o domingo (15). Em Linhares, última cidade a ser afetada pela onda de lama, deve chegar entre a segunda (16) e a terça-feira (17).



Rio Doce nesta quarta-feira (11) (Foto: Reprodução/ TV Gazeta)

Mesmo com a 'trégua' entre a passagem da onda e a chegada da lama, a Defesa Civil Estadual informou que segue em alerta na região.

“A gente continua aqui e vai permanecer como braço do governo, como apoio aos municípios atingidos por esse desastre. Só vamos desmobilizar esses recursos quando normalizar o abastecimento de água nos dois municípios, em Baixo Guandu e Colatina”, falou o coronel Fabiano Bonno.

Nesta manhã, a usina de Mascarenhas, em Baixo Guandu, Noroeste do **Espírito Santo**, abriu três comportas. Esta é uma estratégia adotada para diminuir os efeitos da enxurrada de lama das barragens da Samarco.

A reportagem sobrevoou a região e, no final da manhã, os rejeitos de mineração estavam na divisa do Espírito Santo com Minas Gerais, na cidade de Resplendor, a 43 km de Baixo Guandu.

Assim que a lama chegar ao primeiro município capixaba, o abastecimento de água será interrompido. A Defesa Civil e os bombeiros monitoram a região que margeia o Rio Doce. O nível já começou a ficar mais elevado, entre 30 e 40 cm, e, por isso, a preocupação é retirar a população que vive às margens do leito.



Rio Doce apresenta água turva em Baixo Guandu, no Espírito Santo (Foto: Viviane Machado/ G1)

tópicos: Espírito Santo, Rio Doce, Samarco